# ANÁLISE ASSOCIATIVA



A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS
NO ASSOCIATIVISMO POPULAR

N.º 9 · JUN 2022



REVISTA DA CONFEDERAÇÃO PORTUGUESA
AS COLECTIVIDADES DE CUI TURA. RECREIO E DESPORTO



TEMA EM DESTAQUE

A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS NO ASSOCIATIVISMO POPULAR

REVISTA DA CONFEDERAÇÃO PORTUGUESA
DAS COLECTIVIDADES DE CULTURA. RECREIO E DESPORTO

# FICHATÉCNICA

### ANÁLISE ASSOCIATIVA 2022 (N.º 9) "A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS NO ASSOCIATIVISMO POPULAR"

#### DIRETOR:

**SÉRGIO PRATAS** 

#### CONSELHO CIENTÍFICO:

AMÉRICO MENDES

Universidade Católica - Porto

ARTUR CRISTÓVÃO

UTAD

**ARTUR MARTINS** 

GEMAP

CRISTINA PRATAS CRUZEIRO

Faculdade de Belas Artes/UL

JOANA PEREIRA

Investigadora

**JOSÉ ORNELAS** 

ISPA

JOSÉ MANUEL LEITE VIEGAS

ISCTE/IUL

JOSÉ ZALUAR BASÍLIO

Universidade Lusófona

**LUÍS MORENO** 

Instituto de Geografia

e Ordenamento do Território/UL

#### Edição e propriedade:

Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto

Concepção gráfica e paginação: 4iD

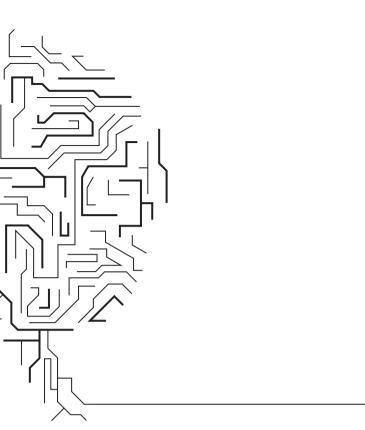
**Impressão:** Jorge Fernandes, Lda. **Tiragem:** 500 exemplares

ISSN - 2183-413X - Análise Associativa

**Depósito legal:** 384231/14 Impressa em Junho de 2022

# ÍN**DICE**

4	NOTA DE ABERTURA, Augusto Flor
8	EDITORIAL, Sérgio Pratas
14	TEMA EM DESTAQUE – A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS NO ASSOCIATIVISMO POPULAR
16	OS JOVENS E A PARTICIPAÇÃO ASSOCIATIVA - Estudo OBAP, Jéssica Pereira, Natália Martins, Paulo Mendes Pinto, Rodrigo Andrade, Artur Martins, Luís Esteves, Deolinda Nunes e Nuno Nunes
48	OS JOVENS, O ASSOCIATIVISMO E OS MEIOS DIGITAIS, Marlene Sofia Soares
52	UMA ANÁLISE SOCIAL SOBRE O ASSOCIATIVISMO NA VIDA DOS JOVENS - Contemporaneidade e Associativismo, <i>Maria Miguel Oliveira</i>
56	A IMPORTÂNCIA DO ASSOCIATIVISMO, Bruno Pais de Menezes
60	OS JOVENS NO ASSOCIATIVISMO - Que futuro nos espera?, Rodrigo Andrade
64	JUVENTUDE PRECISA-SE NAS ASSOCIAÇÕES, Joaquim Escoval
60	GRANDE ENTREVISTA – FRANCISCO BARBOSA DA COSTA, ROSA BATISTA e AUGUSTO FLOR
80	ESTUDOS
82	A ELEVADA PARTICIPAÇÃO NO PROCESSO ELEITORAL DE DEZEMBRO DE 2020 NA SOCIEDADE FILARMÓNICA ARTÍSTICA PIEDENSE, <i>Deolinda Nunes</i> , João Monteiro e Maria José Rafael
L02	DO COMUNITARISMO AO MOVIMENTO ASSOCIATIVO - História, presente e futuro, <i>Isabel Graça</i>
L08	BIBLIOTECA COSMOS
L10	COMUNICAR MELHOR, CHEGAR MAIS LONGE, Bruno Carvalho
L16	CONDIÇÕES PARA SUBMISSÃO



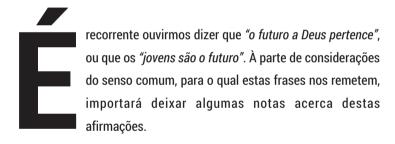


**AUGUSTO FLOR** 

PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DA CPCCRD

# NOTADEABERTURA

# O FUTURO, AQUI TÃO PERTO!



Quanto à segunda, a afirmação parecendo ser acertada do ponto de vista temporal e cronológico, parece ter alguma carga de paternalismo e de desresponsabilização, senão vejamos: paternalismo porque responsabiliza exclusivamente os jovens de hoje por um tempo que háde vir, como se o tempo de hoje não tivesse responsabilidades nesse tempo; e desresponsabilizando os atores atuais.

Por mim, creio que o futuro, independentemente do que cada um possa considerar, não é mais que aquilo que vem ao nosso encontro em cada dia, logo que despertemos. Parece-me mais simples e mais verdadeiro.

Vem isto a propósito de temas da nossa edição nº 9 da Análise Associativa, onde podemos ver, ler e sentir o pensamento e sugestões de alguns Colegas Dirigentes Associativos Jovens. São muitas as experiências que poderíamos aqui reproduzir. Cada um de nós terá a sua e a diversidade parece-me quase infinita.

Talvez se abra a oportunidade de alargar a reflexão sobre o facto de sermos um movimento com cerca de três milhões de filiados, dos quais 2 milhões de praticantes, sendo que a sua esmagadora maioria são jovens, e ser tão difícil que estes jovens assumam cargos dirigentes com maior facilidade.

Tal reflexão é necessária, urgente e passa quase exclusivamente por olharmos em redor, mas termos a visão mais longe do que a nossa própria coletividade. Precisamos ser capazes de avaliar as causas internas e externas, ou seja, as que podemos com facilidade e eficácia resolver e as que, por não dependerem de nós, temos que encontrar formas de intervir na sociedade

Este é, sem dúvida, um problema a que todos, sem exceção, teremos que nos dedicar e resolver a médio prazo.

A Análise Associativa traz-nos outros importantes assuntos que nos surpreendem pela sua atualidade e troca de experiências, como é o caso de uma Coletividade que, perante uma crise interna de órgãos sociais, conseguiu constituir 3 listas concorrentes com os respetivos Programas de Ação e a participação dos associados na AG eleitoral superou todas as anteriores. Acresce dizer que tudo isto se passou em plena pandemia, o que reforça o interesse pelo estudo deste caso.

Poderíamos continuar a destacar outros assuntos de interesse desta edição da Análise Associativa, mas apenas desejo reforçar que, estando nós no final de um mandato (2019/2022), se realizou um Congresso extraordinário (26 Março – Almada) onde foi feita a revisão dos Estatutos que estavam em vigor desde 2003; e que vamos realizar um Congresso Eleitoral (16 Julho – Lisboa) onde, para além da definição da estratégia para o mandato, 2022/2026 serão eleitos os órgãos sociais já com as alterações estatutárias.

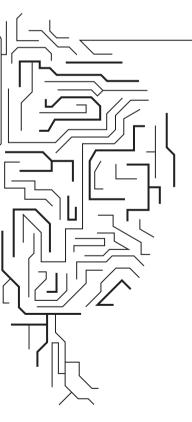
Por todas estas razões, esta Análise Associativa surge num momento de profunda reflexão do presente e de preparação do futuro, onde contamos com todos e todas, sejam jovens, adultos ou idosos.

Saudações associativas e votos de felicidades pessoais.





DIRETOR



# **EDITORIAL**

Este número da Análise Associativa propõe-nos um itinerário de leitura e de reflexão com quatro momentos/partes principais – remetendo para vários temas e debates.

O primeiro momento diz respeito à participação dos jovens no associativismo popular – e é esse o tema em destaque deste n.º 9 da revista. Coloca-se em diálogo/relação um trabalho de investigação desenvolvido pelo Observatório do Associativismo Popular (OBAP) e cinco artigos de opinião – de quatro jovens e do responsável pela área da juventude na Confederação Portuguesa das Coletividades de Cultura, Recreio e Desporto (CPCCRD).

E há algumas conclusões que emergem desse diálogo/debate:

- a) Os jovens estão no associativismo popular participam nas suas atividades, frequentam as associações, têm opinião sobre as mesmas.
- Todos concordam que a participação dos jovens nas associações é um fator determinante para a sua dinâmica, vitalidade e sustentabilidade. São também um elemento que promove a criatividade e a mudança.
- c) Apesar disso, continuamos a ter poucos jovens nos corpos sociais das associações. E por várias razões. Seja por razões externas à associação: predominância de valores como os do

individualismo e do consumismo passivo (que levam alguns jovens a posicionar-se nas associações como consumidores); as questões da precariedade laboral, desregulação dos horários de trabalho, baixos salários, etc. (e depois não há tempo para assumir outras responsabilidades). Seja também por razões internas: muitos dos atuais dirigentes (mais velhos) continuam a não convidar os mais novos para cargos dirigentes, ou não delegam, ou não confiam; as atividades são organizadas e dirigidas de forma pouco atrativa para os jovens; não são utilizadas as plataformas, redes de contacto e instrumentos que os jovens mais apreciam.

Tudo isto nos deve fazer refletir. Refletir para conhecer, para aprofundar – e para agir, pois claro.

2 Segue-se uma grande entrevista com três amigos, que são simultaneamente três dos nossos "imprescindíveis". Estamos a chegar ao final do atual mandato da CPCCRD. Pareceu-nos que seria interessante falar com os três atuais presidentes – da direção, do conselho fiscal e da mesa do congresso. Numa conversa desprendida, solta, que percorresse o seu percurso associativo e o seu pensamento sobre vários assuntos.

E falou-se de tudo. Das associações a que pertenceram (e pertencem), do papel das associações nas suas vidas, do que pensam da situação atual do associativismo popular, dos desafios que se colocam hoje às coletividades, da missão e trabalho da CPCCRD. A não perder!

- Na seção dedicada aos estudos são publicados dois ensaios sobre temas muito atuais:
  - Um estudo de caso sobre a democracia interna e a participação dos associados em atos eleitorais. A pergunta de partida deste estudo é muito interessante: o que podemos fazer para promover a participação dos associados?
  - E um estudo sobre a relação entre os baldios e o associativismo popular.

Dois artigos que ajudam a criar perspetiva – e a pensar "fora da caixa".

A Biblioteca Cosmos visa promover a "cultura integral do indivíduo". Com esse objetivo em mente, decidiu-se inaugurar com este número um novo caminho – e uma nova abordagem. Cada número da Análise Associativa passará a ter um convidado – um especialista numa dada área científica:

- Que nos apresentará brevemente a sua área de estudos (antropologia, direito, economia, sociologia, psicologia, ciências da comunicação, matemática, medicina, desporto, etc.);
- E nos explicará de que forma essa área pode contribuir para a vida e dinâmica associativas; o que pode "acrescentar" (ou já está a "acrescentar") ao associativismo popular.

Para este número, e para inaugurar esta nova abordagem, convidámos um especialista na área da comunicação – que desempenha atualmente funções de assessor da CPCCRD. E que nos vem falar sobre a importância de comunicar melhor, para se chegar mais longe...

Para terminar, uma palavra de forte apreço e reconhecimento:

- À Fundação Montepio, que patrocinou mais esta edição e que tem desempenhado um papel essencial na promoção da investigação sobre o associativismo popular em Portugal. Muito obrigado!
- Ao coletivo que prepara, revê, promove e divulga a Análise Associativa: Artur Martins, Deolinda Nunes, Carlos Galvão, Elvira Magusto, Helena Isabel e Aldina Nunes. É um privilégio trabalhar convosco!
- E, em terceiro lugar, a todos os autores/entrevistados deste número: Jéssica Pereira, Natália Martins, Paulo Mendes Pinto, Rodrigo Andrade, Artur Martins, Luís Esteves, Deolinda Nunes, Nuno Nunes, Marlene Soares, Maria Oliveira, Bruno Menezes, Joaquim Escoval, Augusto Flor, Barbosa da Costa, Rosa Batista, João Monteiro, Maria José Rafael, Isabel Graça e Bruno Carvalho. A todos, muito obrigado!

# TEMA EM DeStaQuE

# **ESTUDO OBAP**

## JÉSSICA PEREIRA

INVESTIGADORA OBAP

## **NATÁLIA MARTINS**

INVESTIGADORA OBAP

#### **PAULO MENDES PINTO**

DIRETOR E COORDENADOR CIENTÍFICO DO OBAP

#### **RODRIGO ANDRADE**

INVESTIGADOR OBAP

#### **ARTUR MARTINS**

INVESTIGADOR OBAP

#### LUÍS ESTEVES

INVESTIGADOR OBAP

#### **DEOLINDA NUNES**

INVESTIGADORA OBAP

#### **NUNO NUNES**

DIRETOR E COORDENADOR CIENTÍFICO DO OBAP

# **OPINIÃO**

#### **MARLENE SOFIA SOARES**

CONSELHEIRA NACIONAL DA CPCCRD

#### MARIA MIGUEL OLIVEIRA

VICE-TESOUREIRA DO CENTRO DRAMÁTICO INSTRUÇÃO E RECREIO 31 DE JANEIRO "OS CELTAS"

#### **BRUNO PAIS DE MENEZES**

VICE-PRESIDENTE - GRUPO CARAS DIREITAS; VICE-PRESIDENTE - FIGUEIRA A PRIMEIRA ASSOCIAÇÃO CÍVICA; SECRETÁRIO - ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DA FIGUEIRA DA FOZ; PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL DA ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DA FIGUEIRA DA FOZ

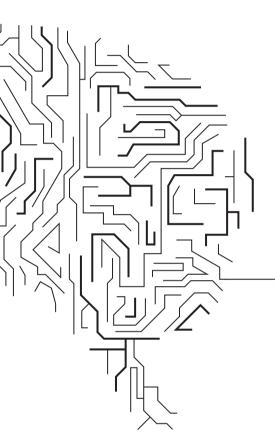
#### **RODRIGO ANDRADE**

DIRIGENTE ASSOCIATIVO E MEMBRO DO OBSERVATÓRIO DO ASSOCIATIVISMO POPULAR (OBAP)

#### JOAQUIM ESCOVAL

DIREÇÃO DA CPCCRD E RESPONSÁVEL PELA ÁREA DA JUVENTUDE

# A PARTICIPAÇÃO DOS JOVENS NO ASSOCIATIVISMO POPULAR



# **ESTUDO OBAP**

## **JÉSSICA PEREIRA**

INVESTIGADORA OBAP

## **NATÁLIA MARTINS**

INVESTIGADORA OBAP

#### **PAULO MENDES PINTO**

DIRETOR E COORDENADOR CIENTÍFICO DO OBAP

#### **RODRIGO ANDRADE**

INVESTIGADOR OBAP

## **ARTUR MARTINS**

INVESTIGADOR OBAP

## **LUÍS ESTEVES**

INVESTIGADOR OBAP

#### **DEOLINDA NUNES**

INVESTIGADORA OBAP

#### **NUNO NUNES**

DIRETOR E COORDENADOR CIENTÍFICO DO OBAP

# OS JOVENS E A PARTICIPAÇÃO ASSOCIATIVA

# Sumário:

- ¬ INTRODUÇÃO 1
- ¬ A PARTICIPAÇÃO ASSOCIATIVA JUVENIL EM 2 PORTUGAL: UM CONTEXTO
- 3 - METODOLOGIA
  - 3.1 Processo de recolha de dados
  - 3.2 Os jovens do campo associativo
- EXPERIÊNCIA ASSOCIATIVA
- 5 - PERCEÇÕES SOBRE O ASSOCIATIVISMO
- ¬ RELAÇÃO COM A COMUNIDADE
- CONCLUSÃO
  - BIBLIOGRAFIA

# 1 - INTRODUÇÃO

Os estudos internacionais evidenciam um crescente envolvimento juvenil em formas de participação promotoras da melhoria das condições de vida das comunidades (Jardim & Silva, 2022). Em Portugal o aumento da participação juvenil ocorre em contextos desportivos e recreativos, por via de associações voluntárias, de solidariedade social e religiosas (Menezes, 2003; Magalhães e Moral, 2008; Azevedo, 2009 cit in Jardim & Silva, 2022: 54). Num contexto de redefinição sobre o que é a participação, assiste-se ao incremento do envolvimento associativo e voluntário dos jovens (Ribeiro, Neves & Menezes, 2016; Jardim & Silva, 2022), assente na construção de novas práticas de ação coletiva e de novas agendas temáticas (Augusto, 2008).

O envolvimento e participação associativa tem efeitos na cultura cívica das camadas mais jovens, no incremento dos sentidos de responsabilidades e obrigações coletivas, contribuindo para a consolidação do sentido de cidadania (Ferreira, 2008). Neste âmbito, as associações voluntárias de cultura, desporto, recreio e lazer (re)emergem como espaços privilegiados para a participação juvenil, com efeitos no desenvolvimento da noção de bem-comum e da consciência de um "dever" de trabalhar em prol da comunidade e sociedade mais geral (Ibidem).

A partir da ideia de que o menor ou maior envolvimento dos jovens não é alheio às representações dos próprios sobre a realidade social, económica, política e à perceção das condições para sua transformação (Capucha et al., 2021), o presente artigo procurou compreender a relação entre a juventude e o associativismo popular, a partir de um conjunto de questões: o que pensam as gerações mais jovens sobre o associativismo popular? De que forma participam na vida associativa? O que perspetivam sobre os desafios e oportunidades futuras das associações, coletividades e clubes?

Para responder aos objetivos propostos, empreendeu-se uma análise do tipo qualitativo, com recurso à realização de grupos focais e entrevistas individuais a grupos heterogéneos de jovens da Área Metropolitana de Lisboa e do distrito de Leiria, escolhidos a partir de características como o tipo de participação associativa, a tipologia de associação a que pertencem, a idade e o concelho de residência. O estudo foi desenvolvido entre 2021 e 2022, no âmbito da atividade do Observatório do Associativismo Popular – OBAP.

# 2 - A PARTICIPAÇÃO ASSOCIATIVA JUVENIL EM PORTUGAL: UM CONTEXTO

A sociedade portuguesa tem sofrido alterações demográficas marcantes. O duplo processo de envelhecimento demográfico ocorrido desde os anos 1990, acarreta mudanças para a população, por um lado pelo aumento do número de idosos no topo da pirâmide etária e, por outro, pela diminuição dos jovens na sua base. Neste contexto, os jovens têm um valor de raridade devido às alterações demográficas, mas também pela mobilidade interna e externa de Portugal. É, por isso, importante promover ações, programas e/ou políticas públicas que aliciem ou conservem os jovens no seu próprio território (Vieira et al., 2017).

Paralelamente à realidade demográfica e à mobilidade, os desafios que se colocam no campo da relação dos jovens com a sociedade reflete-se também no crescente descrédito com que olham as instituições, sejam as instituições do Estado ou outras. A União Europeia sinalizou essa realidade e lançou medidas que procuram dar sólidos contributos para uma maior ligação dos jovens às instituições políticas e sociais, tal como a Resolução 2018/C 456/01 do Conselho da União Europeia e dos Representantes dos Governos dos Estados-Membros: Estratégia da União Europeia para a Juventude 2019-2027, na qual se afirma:

"A exclusão socioeconómica e a exclusão democrática estão interligadas. Os jovens com desvantagens são geralmente cidadãos menos ativos e têm menos confiança nas instituições. A Europa não se pode dar ao luxo de ter talentos desperdiçados, exclusão social ou falta de envolvimento dos jovens. Os jovens não devem ser apenas arquitetos das suas próprias vidas, mas devem também contribuir para uma mudança positiva na sociedade" (2018:2).

Segundo um inquérito realizado na União Europeia em 2001¹, a pertença associativa não se afigura particularmente elevada: apenas um em cada quatro

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> INRA (2001), Les Jeunes Européens en 2001: Eurobaromètre 55.1, Bruxelles, Commission Européenne, Direction Générale Éducation, Formation et Jeunesse; INRA (1997), Les Jeunes Européens: Eurobaromètre 47.2, Bruxelles, Commission Européenne, Direction Générale Éducation, Formation et Jeunesse.

jovens admite ter pelo menos uma filiação associativa (26,7%). Um inquérito mais recente, a uma amostra representativa da população, revela que os jovens entre os 15 e os 24 anos apenas sobressaem timidamente da média nacional, em termos de participação cívica, na pertença a grupos desportivos e na participação em associações juvenis e estudantis (Lobo, Ferreira & Rowland, 2015). De acordo com os dados apresentados pela Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS) no retrato "Os jovens em Portugal, hoje",

"durante o último ano, a ação social em que mais jovens participaram foi assinar uma petição: fizeram-no 40% (...). As únicas outras ações em que durante o último ano participaram pelo menos 10% dos jovens foram: colaborar com organizações/associações de voluntariado (16%), colaborar com uma associação juvenil ou estudantil (12%) e participar numa manifestação (10%)" (2021: 294).

**Figura 1:** "Os jovens em Portugal, Hoje no dia-a-dia", na relação com a participação cívica no ano 2020 apurou-se que 12% dos jovens portugueses colaboram com uma associação.

NO ÚLTIMO ANO - ENTRE TODOS OS JOVENS				
1 · ASSINARAM UMA PETIÇÃO				

**Fonte:** FFMS, 2021. Disponível em: https://www.ffms.pt/FileDownload/f2d755a7-044a-42f1-ac22-a58dc3fa166b/os-jovens-em-portugal-hoje

Segundo uma visão tradicional, o associativismo é essencialmente uma forma de estar na vida, é a sociedade civil organizada, que apela à responsabilização e intervenção dos cidadãos nos vários quadrantes da vida social, sendo um importante instrumento para o exercício da cidadania (Quintão, 2004). Kovaleski refere,

"Nesse sentido, Warren [Warren ME. Democracy and Association. Princetown: Princetown University Press, 2001.] relata a importância das associações e da vida associativa para

os processos democráticos, reconhecendo virtudes cívicas. Portanto, a liberdade de associação torna-se fundamental para a democracia, possibilitando a diversidade de interesses" (2017: 494).

Entende-se o Associativismo como uma pedra basilar na construção de um pensamento crítico, da cidadania e da democracia, representando um elevado potencial para o desenvolvimento local, tornando-se imperativo o seu reconhecimento, apoio e incentivo (Lopes, 2014). Contudo, e sem invalidar esse ideário, a Sociologia demonstra o amplo campo de mudanças que estão a ocorrer nos comportamentos juvenis, nas alterações comportamentais. Patrícia Arruda (2012), num estudo sobre os comportamentos associativos e políticos na universidade, através da reflexão de Bob Coles, elucida sobre a necessidade de se mudar o aparelho conceptual ao olhar para as dinâmicas juvenis:

> ""youth" is often defined as a phase in the life course between childhood and adulthood and "young people" as that group of people going through that phase. (...) sociological writings illustrate the ways in which socially constructed boundaries between childhood, youth and adulthood are determined by social institutions" (Coles, 2010: 90).

As especificidades de cada geração implicam um olhar que se direcione aos jovens, acelerando as condições para a sua aproximação. Usando o apelativo caracterizador de Machado Pais, jovens "yo-yo", Arruda reforça a necessidade de compreender "os caminhos trilhados pelas juventudes nos últimos anos: extremamente exigidos, com as ambições estimuladas, criadores e portadores de expectativas, devedores de resultados" (Arruda, 2012: 14). É no encontro com este complexo verdadeiramente identitário de uma geração que se conseguirão dar respostas construtivas.

Demonstrativo do que se tem feito neste campo de compreensão da realidade associativa juvenil, o Registo Nacional do Associativismo Jovem (RNAJ) é a porta de entrada das associações/entidades para acesso aos direitos e benefícios previstos no regime jurídico do Associativismo Jovem (Lei n.º 23/2006, de 23 de junho, com a atual redação da Lei n.º 57/2019, de 7 de agosto) e Portarias regulamentares – associações juvenis são associações com mais de 80% de associados com idade igual ou inferior a 30 anos, em que o órgão executivo é constituído por 80% de jovens com idade igual ou inferior a 30 anos e liderado por jovem com idade igual ou inferior a 30 anos à data da sua eleição.

Procurando reproduzir o paradigma herdado, e embora abrangendo uma proporção reduzida da população juvenil, a promoção do associativismo jovem tem sido uma aposta das políticas públicas nas últimas décadas.

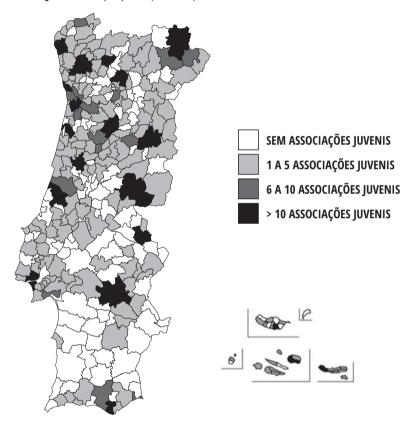


Figura 2: Associações juvenis por município

Fonte: Associações juvenis inscritas nas bases RNAI, RRAI e RAAI por 1000 jovens, por município (2015). Base RNAI, 2015 (Continente), Instituto Português da Juventude; Base RRAI (Madeira), Direção Regional da Juventude e Desporto, RAM; Base RAAI (Açores), Direção Regional da Juventude, RAA.

A análise da Figura 2, que mede o número de associações juvenis por 1000 jovens em cada município, demonstra uma imagem de particular dinamismo associativo em alguns concelhos, que se destacam por apresentar mais de 4 associações por 1000 jovens: é o caso de municípios situados no Interior, como Vimioso (10,5), Meda (4,9), Santa Comba Dão (4,8), Torre de Moncorvo (4,7) e

Cabeceiras de Basto (4,1), mas também de áreas consideradas ultraperiféricas, como o município do Corvo, na Região Autónoma dos Açores, que regista o valor mais elevado, com 19,6 associações por 1000 jovens. Neste grupo da frente pontuam apenas dois municípios urbanos, ambos em Trás-os-Montes: Bragança (7,4) e Vila Real (6,2), cujos valores suplantam quase em dobro os de Lisboa (1,9) e do Porto (3,6).

É importante ressalvar que tal não significará a inexistência de coletivos juvenis nestes municípios, mas a ausência de associações que formalizaram o seu registo no RNAJ, por não reunirem os requisitos exigidos e/ou não demonstrarem interesse nesse registo. No entanto, os casos em que os números são claramente diferentes da mole estatística, merecem um olhar profundo num futuro que queira, de facto, compreender as razões deste fenómeno.

Compreendendo as mecânicas de agremiação, de procura e defesa de causas, seria enriquecedor que todos os jovens tivessem oportunidade de passar pela experiência associativa, não só para a promoção do associativismo, mas acima de tudo, pelas competências que essa experiência os faz adquirir. Aprender a trabalhar em equipa, desenvolver competências sociais e estar em contacto com diferentes realidades. O associativismo constitui-se como uma forma estruturante do ser, onde se aprende a moldar e também a superar os desafios, realçando aquilo que se denomina de "educação não formal" que poderia ir ao encontro dos novos modelos de socialização, de trabalho e de família muito mais flexíveis e difusos:

"Os projetos de vida que os jovens idealizam abrem portas, por vezes, a um vazio temporal de enchimento adiado. Projetos em descoincidência com trajetos de vida. Em contrapartida, o presente enche-se de possibilidades múltiplas, de diferentes experiências e desejos profissionais (...). O próprio capitalismo flexível bloqueou a linearidade tradicional das carreiras profissionais" (Pais, 2005:12).

É, nesse sentido, necessário capacitar os jovens com as ferramentas essenciais para a criação, gestão e financiamento de uma associação juvenil, potenciar a criação de sinergias e parcerias entre os participantes e as organizações presentes, partilhar experiências e conhecimento entre os dirigentes associativos mais experientes e os jovens que estão a iniciar o seu percurso no movimento associativo.



#### 3 - METODOLOGIA

#### 3.1 Processo de recolha de dados

Por forma a compreender o que pensam as gerações mais jovens sobre o associativismo popular, de que forma participam na vida associativa e o que perspetivam sobre os desafios e oportunidades futuras desse campo, empreendeu-se uma pesquisa de índole qualitativa para a análise profunda das vivências e perspetivas dos sujeitos sobre o fenómeno em estudo, a partir de instrumentos que privilegiem as palavras, as descrições e os contextos, como os grupos focais (Bryman, 2004; May, 2011). A escolha pela realização de entrevistas em grupo, como técnica de recolha de informação privilegiada, teve por base a sua adequabilidade para a captação de ideias em contexto grupal, particularmente quando o enfoque são comportamentos coletivos (Morgan, 1988), permitindo a captação dos significados e da forma como esses são produzidos e negociados coletivamente em contexto de diálogo (Sim & Waterfeld, 2019). Pretendeu-se obter a mais-valia da dinâmica de interação, sobre tópicos pouco estudados, a partir de um diálogo alternado, assente em temas fornecidos pelos investigadores, que tomaram o papel de moderadores (Morgan, 1988).

Cada grupo focal foi composto por quatro a cinco elementos, sendo que a sua dimensão reduzida tencionou a captação do máximo de informação sobre as vivências e as perspetivas de cada jovem entrevistado, sem se abdicar da maisvalia subjacente à interação (Morgan, 1988). Embora a opção inicial fosse a



realização exclusiva de grupos focais, a incompatibilidade de agendas e disponibilidades entre entrevistados conduziu a que o plano de investigação fosse readaptado, optando-se por entrevistar o maior número de sujeitos possível, quer através de entrevistas coletivas, como individuais.

O processo de recolha de informação ocorreu entre dezembro de 2021 e fevereiro de 2022, quase na totalidade por via online, a partir do software Zoom. O conjunto de entrevistas seguiu o modelo semi-diretivo, cuja forma concede maior liberdade aos entrevistados, incentivando a estruturação dos seus pensamentos em torno dos tópicos analisados e o discurso aberto sobre as mais variadas vertentes que considerem adequadas ao debate (Albarello et al., 1997). A sua realização teve por base um guião com quatro blocos temáticos: i) a experiência associativa; ii) as perceções sobre o associativismo; iii) a relação com a comunidade; e iv) a caracterização social dos entrevistados. Procurou-se compreender as práticas associativas dos jovens, as suas ideias e perceções sobre o associativismo popular e a contribuição das associações para a comunidade. De modo a preservar a identidade dos participantes, os nomes dos entrevistados são fictícios.

# 3.2 Os jovens do campo associativo

O universo em estudo circunscreveu-se a um grupo heterogéneo de jovens, escolhidos a partir de características como o tipo de participação associativa (se são dirigentes, praticantes e/ou associados), a tipologia de associação a que

pertencem, a idade e o concelho de residência. A seleção de entrevistados foi feita pelo método da bola de neve, através contactos fornecidos pelos elementos da equipa de investigação e pela CPCCRD (Bryman, 2004). No que respeita à amostra de jovens entrevistados, sete são do sexo feminino e nove do sexo masculino, o entrevistado mais velho tem quarenta e três anos² e a mais nova vinte. Entre estes dezasseis jovens, quinze são dirigentes, enquanto um é somente associado/praticante. A maioria dos jovens participa em mais do que uma associação, clube ou coletividade, seja como dirigente, associado ou praticante. Estão representadas associações juvenis, de estudantes, grupos folclóricos, comissões de festas, estruturas representativas das coletividades, associações de imigrantes e as tradicionais associações de cultura, recreio e desporto. Em comum, todos os jovens entrevistados participam em associações que têm uma forte componente cultural, recreativa e/ou desportiva.

Os entrevistados provêm de duas áreas geográficas: a Área Metropolitana de Lisboa e o distrito de Leiria. Da primeira, provêm de Almada, Barreiro, Lisboa, Loures, Moita e Sesimbra. Do distrito de Leiria foram entrevistados jovens do Bombarral, Caldas da Rainha, Leiria e Pombal. Quanto à situação na profissão, doze trabalham, um está desempregado, três jovens são trabalhadores-estudantes e uma jovem apenas estuda. O nível de habilitação literária oscila entre a conclusão do ensino secundário e o mestrado. As profissões acompanham também essa tendência diversificada, desde professoras de ensino básico, agricultores, engenheiros civis, quias-turísticos, quardas-florestais e técnicos administrativos. A grande maioria, onze, são trabalhadores por conta de outrem, dois são trabalhadores por conta própria/independentes e um trabalha no negócio de família. Falamos, por isso, de um grupo de jovens escolarizado, entre os vinte e os quarenta anos, que participam em múltiplas associações, de natureza diversa. Jovens interessados em participar, com diferentes ideias e perspetivas sobre o associativismo popular, os seus objetivos, contributos, dificuldades e desafios. No entanto, encontramos unanimidade na perceção da importância das coletividades, associações e clubes para o desenvolvimento dos territórios e das comunidades.

A inclusão de um jovem acima dos quarenta anos justificou-se pela associação que dirige, uma estrutura associativa criada recentemente e que visa promover o desporto popular, revitalizando o espírito dos clubes e associações operárias, fundada no seio de Lisboa, por um grupo de jovens pertencentes a diversos bairros e localidades.

#### 4 - EXPERIÊNCIA ASSOCIATIVA

Os caminhos que levam os jovens ao associativismo popular são variados e nem sempre contínuos durante a vida. Existem aqueles cuja vida se confunde com a história da coletividade, por terem crescido entre as suas paredes, pela forte participação associativa dos seus pais ou de outros familiares, pelo possante envolvimento comunitário e/ou pela aproximação geográfica a esses espaços. São os casos da Rita Albergaria, do Paulo Ezequiel, da Ana Simão, do Leonel Carvalho e do Jorge Santos. Por sua vez, existem jovens que, ainda crianças, chegaram às associações pela prática desportiva, no clube de atletismo, de futebol, pelo grupo de teatro, pela banda filarmónica e que, por gosto e sentido de pertença, foram ficando. É o caso do André Botelho e do Fábio Costa. Outros, como a Dalila Cardoso, o Rafael Graça, Artur Ávila, o Cristiano Silva e o Rui Augusto, (re) aproximam-se das associações na fase adulta, incitados por amigos ou conhecidos, pela vontade de criar respostas que não existem e por reconhecerem a importância da ação coletiva e da organização popular. Importou, por isso, compreender esses trajetos, a forma como participam e as razões que os levam a participar.

André Botelho é dirigente e professor na associação de instrução e recreio onde começou a aprender música. A sua participação rege-se pela vontade de retribuir o que a associação lhe proporcionou, enquanto pessoa e profissional, "a minha profissão é de músico e foram eles que me disseram como ser músico". Reconhece que a sua experiência é partilhada com muitos outros músicos profissionais, que começaram nas coletividades. Trajeto idêntico ao de Leonel da Carvalho, dirigente de uma associação cultural e musical, que começou como aprendiz na banda da sua terra.

"Eu cresci dentro de uma associação, desde os seis anos e isso influenciou-me bastante. Aquilo tornou-se como se fosse a minha segunda casa e uma segunda família. O que sou é graças a isso. (...) Quando comecei não tinha como ter um instrumento e eles forneciam esses instrumentos. Isso ajudou-me a que eu começasse a ir mais além, a entrar para um conservatório e a estudar música. Também cheguei a entrar na banda do exército, com a ajuda da associação e do instrumento que me forneceram." – André Botelho

"O que me fez enveredar pelo associativismo foi por ser uma casa onde eu cresci e por querer manter algo que vive de pessoas e de mais nada. (...) Nunca pensei nisso como associativismo, para mim era fazer parte da Direção da banda, para ajudar a banda." – Leonel Carvalho

Rita Albergaria, presidente da assembleia de um clube recreativo e associada dos clubes de atletismo e de teatro, refere a importância e a influência da forte participação familiar em associações populares, políticas e sindicais, para a sua aproximação ao mundo associativo. Ana Simão, Paulo Ezequiel e Jorge Santos são também exemplos desse contexto familiar, marcada também pelas conjunturas social, económica e territorial. Foram praticantes e são hoje dirigentes. O associativismo acompanha a sua vida, diversificando-se a pertença associativa consoante os gostos.

"Acho que esse exemplo de participação fazia parte da minha vida. (...) eu comecei a andar na coletividade. Lembro-me de ser criança e passar imenso tempo lá. A minha mãe andava com o teatro para trás e para a frente e claro havia outros miúdos..., andávamos nesta itinerância. (...) Depois mais tarde também fiz [lá] desporto federado, aquela coletividade faz parte da minha vida."-*Rita Albergaria* 

"Os meus pais conheceram-se no Rancho e eu nasci ali dentro. Era a minha realidade. Pertenci ao Rancho também durante muitos anos, era o nosso dia-a-dia. Mais tarde, juntei-me à ginástica por iniciativa própria. Atualmente, pertenço a uma associação de jovens, mais pela parte dos amigos". – *Ana Simão* 

"Tenho memórias de uma coletividade que fechou. O meu avô foi um dos seus fundadores, o meu pai foi sócio e era uma coletividade que eu, em criança, acompanhava, ia lá e via os jogos. (...) Eram coletividades que nasceram de forma muito genuína pelos moradores com preocupações em prestar serviços ou disponibilizar atividades que o Estado ou outros não conseguiam. (...) Tinham sedes muito pacatas, não muito ricas, mas notava-se que havia um grande cuidado de gestão e que as pessoas tinham orgulho. (...) Aqui perto existiam bairros com questões sociais muito complexas e a coletividade

acabava por conjugar várias realidades, por nivelar tudo". – *Paulo Ezequiel* 

"O meu pai era dirigente da coletividade desportiva do sítio onde moro, jogava lá futebol de salão e eu também joguei. Sempre acompanhei um pouco aquela realidade. Aqui na nossa zona cada bairro tem uma coletividade, isso gera rivalidade e aumenta o sentido de pertença. (...) Na minha infância muitas coletividades tinham o 25 de Abril como um dia sagrado. Quando chegava esse dia e eu era miúdo, era de manhã à noite a fazer desportos e torneios de tudo e mais alguma coisa. Eu nem dormia por saber que ia competir, ganhar medalhas, estar ali a conviver. (...) Foi aí que comecei e foi aí que também fui, pela primeira vez, dirigente. Agora sou dirigente e praticante de várias associações. Sou músico na banda da minha freguesia, dirigente da associação de desenvolvimento do bairro, desportista e treinador de pelota basca. Já fui professor de música e seccionista de várias modalidades." – Jorge Santos

Carla Barros chegou ao associativismo pela prática de ginástica, quando tinha nove anos. Recorda a marca positiva que a associação e as atividades promovidas tiveram na sua infância, mas também na sua terra, referindo que "as associações não são só boas para nós, mas também para o sítio em que vivemos". Também Fábio Costa alude às memórias da participação no grupo de teatro, bem como ao impacto que essas experiências tiveram na sua vida e no seu trajeto de dirigente.

"Todos nós caímos nas associações por um motivo, seja para estarmos com amigos, seja pelo desporto ou pela parte cultural. Às tantas, estamos lá há tantos anos que chega a um ponto em que nos apercebemos que a associação precisa de alguém a gerila e isso vem por acréscimo". – Fábio Costa

Cristiano Silva começou a participar com doze anos, ainda no seu país de origem, o Brasil, em grupos de estudantes e em sindicatos. Em Portugal alargou a sua ligação a associações de caráter político-partidário, e, mais recentemente, a uma associação operária de promoção intercultural cujo objetivo visa a

aproximação, criação de redes e atuação conjunta entre pessoas migrantes, através da cultura e da arte. Entende a participação como uma resposta a demandas e necessidades que só encontram solução pela forma organizada, coletiva e objetiva.

"Nós inscrevemo-nos nessa linha de que a cultura pode ter na elevação das condições de vida materiais e que as condições de vida materiais são também importantes para que a cultura possa se expressar." – Cristiano Silva

Diferentemente, para Rui Augusto a participação associativa nunca foi muito planeada ou consciente, resultando da vontade de um grupo de jovens em voltar a reerguer uma festa popular na sua terra, "acho que ninguém sonhava ser dirigente, éramos simplesmente uma comissão de festas. A coisa, felizmente, correu bem e tivemos o apoio da comunidade. Na altura, foi lançada a ideia de pegarmos na casa". Caminho idêntico ao de Dalila, dirigente de uma associação de artes, que pretende juntar diferentes expressões artísticas e animar o concelho. Junto com amigos, fundou a associação por sentir que faltava um espaço como esse, na sequência de um encontro de jovens ligados à cultura, promovido pelo antigo Presidente da Junta de Freguesia.

Artur participa em múltiplas associações e coletividades, de natureza folclórica, humanitária, de desenvolvimento, mas também em comissões de festas. Já praticou desporto e é, atualmente, dirigente numa estrutura federativa representativa das coletividades. Começou na faculdade, pelo núcleo de estudantes da sua licenciatura e, nesse seguimento, envolveu-se em associações da sua freguesia. Entende que a participação associativa importa, por um lado, pela resposta que pode dar às necessidades de uma população, mas também como uma forma de organização tão natural e comum ao ser humano.

Rafael Graça chegou ao movimento associativo popular mais tarde, sem evidente ligação familiar a coletividades ou clubes, incitado pela curiosidade sobre a participação e o desporto popular, nas ruas operárias de Lisboa. Atualmente é dirigente de uma associação desportiva e recreativa, que vem homenagear o Relâmpago Futebol Clube, outrora fundado no leste da capital. Pretendem a promoção da integração social e da participação comunitária.

"Eu cresci num subúrbio de Lisboa, os meus pais nunca tiveram esse tipo de relação, nem sequer com o bairro. (...) Cresci mais ou menos rodeado por algumas associações e embora nunca tenha



praticado desporto sem ser na escola, desde cedo me interessei por participação popular e pela intervenção da população nos seus bairros, nas suas comunidades. (...) Nestes últimos anos, tenho-me envolvido com pessoal que gostava de futebol e de futebol popular. Começámos a perceber que havia uma lacuna numa forma interventiva de ver o futebol e decidimos começar um clube de raiz, não só de futebol, mas de desporto popular." – *Rafael Graça* 

# 5 - PERCEÇÕES SOBRE O ASSOCIATIVISMO

Comummente se diz que as gerações mais jovens estão alheadas da vida associativa, que não se reveem nas formas de associação mais convencionais e, por isso, pouco participam nas associações, clubes e coletividades. Para compreender as suas perceções e dinâmicas de participação, importou ir ouvir os próprios, sobre o que pensam do associativismo, da existência ou não de barreiras à participação e dos desafios quanto ao futuro das organizações. Sobressai uma visão predominante, a de que o tempo escasseia. A organização da vida, a escola e o trabalho ocupam a maior parte do seu tempo, sobrando pouco para as relações pessoais e comunitárias. As dinâmicas económicas e laborais dificultam a participação e o seu envolvimento na coletividade do bairro, na associação

cultural, no clube desportivo, exacerbando os sentimentos individualistas e a alienação. Assinalam a necessidade de incentivar a participação no seio das coletividades com a reinvenção de *novas* atividades e iniciativas, e por ação governamental, através de medidas concretas que contribuam para a melhoria das perspetivas de futuro dos jovens, a sua estabilidade laboral, mas também medidas para a criação de infraestruturas de lazer e recreio.

Para Rafael Graça, "as dinâmicas da sociedade afastam os jovens até da própria convivência. Existe um processo de individualismo e atomização das nossas relações individuais e coletivas". O dirigente da associação recreativa e desportiva entende que o impacto desse processo é o afastamento do trabalho coletivo, pelo tempo que acarreta num período de aceleração e urgência, "hoje em dia tudo é mais imediatista e as horas que gastamos a organizar-nos, a reunir, a tomar decisões em coletivo. Para a juventude dos nossos dias, tudo o que não é imediato já os faz afastar". No mesmo sentido, Cristiano Silva alude às "condições sociais e ideológicas do nosso tempo", à combinação de um conjunto de contextos muitos precários, ao crescente individualismo despoletado por uma sociedade de cariz ideológico neoliberal, antagónica ao sentimento e trabalho coletivo.

Se para o André, dirigente e músico, esse distanciamento é evidente a partir de "pessoas que começaram comigo na coletividade, a quem lhes deram tudo e, ainda assim, parece que a coletividade nunca existiu na vida deles", para a Rita o parco envolvimento não é exclusivo da camada mais jovem, surgindo enquadrado num cenário mais geral de diminuta participação:

"Vivemos um tempo muito desafiante. Há uma carga muito grande sobre os jovens, uma certa culpabilização desta geração porque parece alheada de tudo, mas eu acho que não é um problema da geração. Penso que vivemos momentos muito críticos, em que a participação está altamente desincentivada." *Rita Albergaria* 

Artur e Paulo, dirigentes no distrito de Setúbal, concordam com a existência de condicionantes à participação, considerando, todavia, que os jovens continuam inseridos no movimento associativo e nas suas organizações. Para que essa participação seja incrementada e se espelhe em envolvência nos órgãos sociais, apontam a necessidade de se reformular a oferta de atividades. Essa ideia é partilhada por outros jovens entrevistados. Artur identifica também lacunas à resposta do Estado central, particularmente quanto à criação de oportunidades e

de espaços de lazer para a população, à manutenção de excessivas cargas horárias e baixos salários, como fatores que constrangem a participação associativa.

> "Vejo os jovens interessados, mas fruto da vida e de outras questões. As coisas alteraram-se significativamente. Infelizmente, há pessoas que têm dois empregos ou horários completamente desregulados." Paulo Ezequiel

Também Jorge Santos refuta a afirmação de que os jovens estão distanciados das associações, das coletividades e, particularmente, dos clubes desportivos. Assinala, contudo, um fosso geracional de participação, referindo que nos dias que correm, os dirigentes associativos se dividem entre a geração mais jovem e os que são muito mais velhos.

> "Como é que os jovens podem estar afastados se 90% das atividades que existem nas coletividades são para si? Eles bem ou mal estão lá. Podem sim, não estar ligados às Direções, mas se formos a ver estão a jogar ténis de mesa, futebol, vão à música..., estão no movimento associativo. Por muito pouco que saibam o que é uma Direção, estão integrados no associativismo." Jorge Santos

Um outro entendimento existe entre os jovens do grupo focal do distrito de Leiria. Para si, os jovens participam cada vez mais nas associações e nos seus órgãos sociais, pois se antigamente eram pessoas mais velhas ou reformadas que "tomavam conta das coletividades", hoje em dia essa tarefa parece estar progressivamente mais nas mãos de jovens dirigentes. Ainda assim, Fábio Costa refere a dificuldade em fixar essa camada populacional nestas tarefas, principalmente por trazerem expectativas que não são correspondidas pela realidade do trabalho associativo. Neste sentido, para Rui torna-se fundamental que os jovens criem uma ligação à coletividade o mais cedo possível.

> "Numa direção bate-se muitas vezes com a cabeça na parede, trabalha-se muitas vezes em troca de nada, apenas por amor à casa. Não é tudo espetacular, existem momentos menos bons." Fábio Costa

Não obstante as condicionantes materiais e imateriais ao envolvimento cívico e associativo que todos os entrevistados, em maior ou menor escala, apontam, as suas opiniões sobre a importância da participação juvenil no movimento associativo coincidem. Quer seja na condição de dirigentes, como associados ou praticantes, consideram a participação associativa das gerações mais novas determinante e transformadora.

Para Dalila, a participação importa no sentido de que "sozinha não és nada, vais-te construindo ao longo do tempo, absorvendo um bocado aqui, outro ali e vais tirando o que é que te identificas". Para Mariana Fetais, a participação dos jovens importa "para se criar uma base para que no futuro sejam cidadãos ativos e participativos". Neste seguimento, aludem à importância de uma maior participação das gerações mais novas nas coletividades, para a renovação dos órgãos sociais e, consequente, continuidade das associações, mas também para a criação de laços e simbioses saudáveis entre os dirigentes mais velhos e os mais novos. Segundo o André, a juventude traz sangue novo às coletividades, ao trabalho e à construção coletiva. Para Paulo, o papel dos jovens enquanto dirigentes "deve ser colocar a sua qualificação ao serviço da coletividade e ao serviço da comunidade".

"Se sou incentivada a estar em sociedade isso também pode ser transformador. Se eu vou para o meu clube e eu tenho lá o meu treinador que me responsabiliza e cria um espírito de equipa, isso pode ser altamente transformador. Para os jovens é fundamental ter grupos heterogéneos e ter esse contacto intergeracional." *Rita Albergaria* 

Procurou-se igualmente perceber se os jovens percecionam a existência de barreiras à sua participação e, particularmente, à integração dos órgãos sociais das associações. As opiniões demonstram, uma vez mais, um consenso, apesar de divergirem entre problemáticas. Ressalta a ideia de que a responsabilidade inerente de assumir um cargo numa associação é a principal barreira à participação, mas que não se limita somente a associados mais jovens. Paulo menciona, neste sentido, a existência de dois tipos de barreiras: as autoimpostas e as que são impostas por outros. As primeiras associa ao receio individual de falhar, na execução de tarefas atribuídas, enquanto as segundas provêm da desconfiança sentida da parte das gerações mais velhas face ao trabalho das mais novas, o que aumenta o sentimento de responsabilidade e, consequentemente, o receio de falharem.

Leonel Carvalho partilha de reflexão idêntica sobre o receio de dirigentes mais velhos em delegarem tarefas e responsabilidades aos mais novos. Para Fábio,

consequentemente "ou a pessoa gosta do princípio e se esforça, ou então é muito difícil que fique por dentro e que assuma essa responsabilidade". Jorge Santos entende que essas situações devem ser combatidas no seio das coletividades e das atividades promovidas, a partir do envolvimento antecipado de atletas e praticantes.

"É preciso ir pondo as decisões nas mãos dos miúdos, dentro dos balneários e nas equipas. Numa equipa se responsabilizarmos três ou quatro miúdos por aquela atividade ou um grupo pela decisão, isso começa a fomentar o espírito associativo dentro deles, porque é disso que se trata. Muitas vezes nós [dirigentes] queixamo-nos que não temos gente para trabalhar, que somos poucos, mas centralizamos tudo em dois ou três, os que fazem são os que vão fazer tudo. Se formos abrindo, aos miúdos e aos atletas, eles sentem-se integrados e amanhã estão ali do nosso lado a trabalhar e a serem diretores". *Jorge Santos* 

Os receios e a indisponibilidade retratados somam-se às dificuldades de crescente burocratização do trabalho associativo e ao que Rita Albergaria entende ser um cenário de fechamento das estruturas (e dos seus dirigentes) a outras dinâmicas de funcionamento.

"Acho que existem barreiras, acho que é difícil ser-se dirigente. Há muita burocracia, há muita papelada, há muita responsabilidade. Acho que é cada vez mais exigente e difícil. (...) Acho que as pessoas querem muito os jovens, mas depois têm muitos preconceitos com eles. Logo, ficam apenas nos cargos de vogal para fazer o bonito. As direções são muitas vezes fechadas, ainda que achem que não. E, às vezes, parece que ou a pessoa pergunta diretamente, se vai oferecer diretamente ou a coisa não está feita para fluir. Nunca se vê em lado nenhum 'queres ser dirigente? Inscreve-te, manda o teu currículo'". *Rita Albergaria* 

A existência de diferenças no modo de pensar e fazer associativismo entre gerações trespassa a maioria das entrevistas. A maior disparidade é apontada aos modos de trabalhar. Tendencialmente mais familiarizados com as tecnologias e o mundo digital, os jovens têm mais à vontade com o processo de digitalização, que

vai ganhando terreno nos clubes e nas coletividades portuguesas. Em contrapartida, as gerações mais velhas são reconhecidas pela experiência com as questões burocráticas, os processos eletivos e de deliberação, pelo conhecimento do quotidiano associativo. Porém, as diferenças não se esgotam aí.

Para Rui Augusto, os jovens têm um espírito mais aventureiro, enquanto os mais velhos repetem rotinas e modos de fazer, sob a justificativa de que "foi sempre assim" e de que não há necessidade de mudar. Nesse contexto interroga, "mas porque é que não vai funcionar? Experimenta-se!". De forma geral, interpretam a inovação, o menor receio de errar, a vontade de trazer outras ideias, modos de fazer, planear e organizar o associativismo, como características inerentes à juventude. Diferentemente, para Jorge, Rafael e Cristiano, mais do que um fosso geracional, do que se trata é de pessoas mais dinâmicas que outras. Jorge Santos reitera a ideia de que os jovens têm um espírito mais aventureiro, mas que esse se coaduna com a vontade de recuperar tradições e procedimentos.

"Aquela história de inovar, não é essa a ideia que traz os jovens para o movimento associativo, mas sim o ir buscar as origens, coisas que ouviam dos avós e dos pais, que eram feitas e que se perderam. A malta quando vai para as coletividades muitas vezes traz na cabeça o ir buscar essas coisas, para recuperarem património que de outra forma estavam esquecidos. Depende mais da pessoa do que da geração, porque há malta mais velha que tem um grande dinamismo e, às vezes, há malta mais nova que são mais conservadores." Jorge Santos

"Nas coletividades que já existem e funcionam eu acho que não há grandes diferenças. Varia mais do perfil das pessoas, mais do que da idade. Pessoas mais dinâmicas, menos dinâmicas. Mais abertas ao debate, pessoas mais centralizadoras. Mas acho que isso não decorre da geração." *Cristiano Silva* 

Apesar disso, para Cristiano os desafios de uma sociedade envelhecida refletem-se nos desafios do quotidiano dos órgãos sociais que dirigem o rumo das associações, "criam uma dificuldade geracional ao recrutamento, à ligação, aproximação e identificação dos jovens com as Direções das coletividades". Artur salienta diferenças geracionais quanto à forma como se tratam os conflitos entre



dirigentes, entendendo que os mais jovens resolvem os problemas decorrentes da vida associativa de forma mais imediata e pacífica.

> "Sinto que os mais velhos por terem vivido num período mais combativo, e resultando talvez do processo de democratização do nosso país, têm uma tendência específica para resolver problemas. Às vezes depois de alimentarem mais discussões acabam por se chatear. Do outro lado sinto que há uma certa tentativa sempre de resolver problemas e não falo só de problemas entre seres humanos, entre membros da organização, mas também a nível de tratamento de burocracia. Acho que há aqui outro tipo de sensibilidade na resolução de problemas ou de obstáculos." Artur Ávila

Por sua vez, para André, a diferença essencial prende-se com a crescente presença de mulheres nos órgãos sociais e das dinâmicas que daí derivam.

> "A grande diferença que eu vi na Academia, e não sei se nas outras coletividades acontece, foi quando a Direção mudou e deixou de ser 100% homens e passou a ser 40% e 60% mulheres. Mudou de uma forma abismal. Ficou muito mais organizado, ficou. E começou a voltar o tal dinamismo nosso, de guerer mais e mais e mais. Foi uma mudança positiva, muito positiva." André Botelho

Reconhecem que é a partir das divergências que surge a mais-valia do trabalho cooperativo e coletivo entre gerações. Neste sentido, reiteram a importância da existência de referências nos dirigentes mais velhos, apontando, contudo, a necessidade de adequação ao tempo presente.

"Eu não sou a favor da tónica de destruir para criar, acho que se deve manter o que existe e continuar a criar coisas novas porque foi a partir daquilo que existiu que se criou algo. Algumas coletividades ficam só pelo que existiu." *Dalila Cardoso* 

Quanto aos desafios para o futuro do associativismo, refletem sobre a necessidade de fomentar a comunicação entre associações. André e Paulo acreditam ser imprescindível uma maior união entre coletividades e clubes, considerando que todas as organizações ganham com essa proximidade. Para Leonel é necessário criar mais espaços que fomentem as sinergias e interligações associativas, como acontece com o MOVE Associativismo.

"Eu acho que um dos primeiros desafios é o facto de as próprias coletividades conseguirem viver olhando para o conjunto das coletividades vizinhas, não como rivais, mas como complemento. Não haver tanto despique e concorrência. Acho que é fundamental e existem exemplos durante o período da pandemia e do confinamento em que algumas coletividades se complementaram." *Paulo Ezequiel* 

Paulo reflete ainda sobre a dificuldade de manter o equilíbrio financeiro das associações, alertando para a importância da contínua capacitação dos dirigentes associativos. Dalila alude aos desafios que as associações sem espaço físico enfrentam. A Rita, o Jorge e o Rafael refletem sobre as mudanças necessárias ao paradigma laboral, marcado por cenários de precariedade e de desregulação de horários, cujos efeitos constrangem a disponibilidade temporal, psicológica e física para a participação.

"Muitas vezes começo a trabalhar às oito da manhã ou mais cedo e o trabalho prolonga-se até às dezanove ou vinte, dependendo. São cargas horárias de trabalho gigantescas. Isso tira vontade, a capacidade física e mental para sair, ir beber um copo à coletividade, ir reunir, praticar um desporto ou tocar na banda." *Rafael Graça* 

"Essas alterações mexem com a vida das coletividades. Enquanto treinador, eu sinto que chega aos dezasseis, dezassete anos e os jovens vão para a universidade, vão trabalhar, vão para a tropa, vão para fora. Andaste ali seis ou sete anos a formar aquele jovem e ele vai-se embora. E outra coisa, tivemos aqui um período que não falámos, que foram os anos do flagelo da emigração. Tivemos muitos atletas a irem para fora para trabalhar porque não havia cá trabalho. As direções sofreram muito com isso porque houve gente muito válida que se foi embora." Jorge Santos

Compartilham a ideia de necessidade de um maior auxílio por parte do Estado central e das autarquias locais, mas também de resposta a matérias incontornáveis do nosso tempo, como o combate às alterações climáticas, às desigualdades e às discriminações. Artur Ávila reflete sobre as consequências da pandemia da COVID-19, particularmente pela criação de "dificuldades de foro psicológico, de falta de disponibilidade e de tolerância. A instigação de novos conflitos, que também cansam os dirigentes porque é mais um trabalho que supostamente deveria ser desnecessário". Alerta ainda para a importância do desenvolvimento do movimento associativo a nível tecnológico. Entende, todavia, que pela "forma como o associativismo popular está enraizado na nossa cultura e na nossa vivência, é muito difícil que termine com facilidade". Contrariamente, para Cristiano existe efetivamente um desafio de continuidade que precisa de ser enfrentado

"O desafio para todas as coletividades, independentemente do seu tempo de existência, é a sua continuidade. Isso passa pelo recrutamento de novas pessoas, da constituição de novas direções (...). Caso contrário, as coletividades morrem de morte natural, os seus membros morrem e fecham-se as portas." *Cristiano Silva* 

### 6 - RELAÇÃO COM A COMUNIDADE

Interessou igualmente perceber, aos olhos dos jovens dirigentes e praticantes, que relação as associações têm e devem procurar ter junto das comunidades em que se inserem, qual deve ser o seu papel para a promoção cultural, desportiva,



recreativa e de lazer nas frequesias e nos concelhos, para o desenvolvimento e crescimento das crianças e dos jovens e, também, para a melhoria da qualidade de vida das populações. As suas respostas reafirmam um entendimento do associativismo enquanto fator primordial na construção de comunidades mais saudáveis, como instrumento de desenvolvimento e resposta às necessidades que a ação individual e, por vezes, estatal não consequem resolvem.

Quando questionados sobre o papel que a associação que representam tem para a comunidade,

demonstram um conhecimento elevado sobre a relevância do associativismo para as populações, na promoção de iniciativas que de outra forma não eram facultadas. Neste âmbito, aludem para o seu contributo enquanto dirigentes associativos. Consideram ainda que as associações devem ter um papel interventivo, desenvolver parcerias, contribuir para a coesão social e territorial, fomentar o sentimento de solidariedade e reciprocidade.

"As associações têm a possibilidade de criar coesão dentro das comunidades e criam ligações que, de outra maneira, as pessoas não iriam ter. Os eventos que vamos fazendo acabam por interferir na qualidade de vida das pessoas, porque se não existissem, se calhar haveria muita gente que não se chegava a conhecer nestes meios rurais. A associação acaba por proporcionar esse tipo de conexão e ponte à comunidade. [Nesse sentido] acaba por ter um papel bastante positivo, mesmo para

nós dirigentes. O trabalho que fazemos em prol da comunidade de forma benévola e voluntária também cria bons laços entre nós e faz-nos mais solidários." Rui Augusto

"As associações têm o papel de proporcionar aos jovens o acesso à prática desportiva a que têm direito e que é muitas vezes negada ou semi negada pelo facto de não possuírem condições financeiras e pela não providência estatal." Jorge Santos

Entendem as associações, coletividades e clubes enquanto recursos comunitários imprescindíveis, com particular relevância para a vertente social, dado que em várias ocasiões os elementos dos órgãos sociais e outros associados "cuidam" dos seus pares, sempre que se apercebem de alguma situação atípica ou desvantajosa, apoiando-se uns aos outros como se fossem uma só família. O carácter solidário que identifica o associativismo fá-los afirmar que o mesmo contribui para o tecido social, para o capital social e é um agente de desenvolvimento comunitário indispensável às sociedades humanas. Por sua vez, referem que a comunidade "devolve" essa dedicação à associação, reconhecendo o trabalho, associando-se e pagando as quotas regularmente.

> "Eu acho que as associações têm uma responsabilidade social. Sempre. Para mim a coletividade tem de procurar garantir respostas, pelo menos aos associados, que se não forem gratuitas, pelo menos a um preço muito acessível. Tem também o dever de educar. E nestas coletividades mais no meio rural..., nós não temos cinema a dois passos, não temos teatro a dois passos, não temos um debate a acontecer ao lado. Portanto, sim, a coletividade tem a responsabilidade de garantir de alguma forma que há um pouco mais de diversidade, que existem alternativas." Rita Albergaria

> "O nosso intuito é o de estreitar e aprofundar os laços com a comunidade envolvente. Queremos contribuir para o tecido social, principalmente através do desporto, mas também de outras atividades recreativas, culturais e sociais. Oueremos ser um instrumento coletivo contra a apatia, queremos (re)energizar o bairro e as suas gentes." Rafael Graça

Entendem que as associações, coletividades e clubes contribuem indubitavelmente para a melhoria da qualidade de vida das populações, pelas atividades, pelo convívio e trabalho coletivo gerados que, consequentemente, quebra e combate a inércia física e mental, o isolacionismo, a apatia. Referem a importância das atividades desportivas, culturais, dos eventos recreativos e de lazer abertos à comunidade, constituindo-se como polos agregadores para as pessoas que as frequentam.

Jorge, Rita e Rafael entendem que o papel fundamental das coletividades é promover o acesso democrático, gratuito ou a um custo muito reduzido, das populações a essas atividades. O associativismo popular vai além de um mero espaço de atividades, constituindo-se como contextos de apoio à comunidade e, particularmente, aos mais idosos, ajudando-os a ultrapassar os sentimentos de solidão, isolamento e a sensação de inutilidade. Para os mais jovens, as associações, constituem-se autênticas escolas de cidadania, contribuindo para a democracia. A interação entre os associados, nem que seja na "hora do café", promove o apoio mútuo, a criação de redes de contacto e de suporte, desenvolvendo o sentimento de pertença e de comunidade.

"O conjunto de atividades oferecidas acaba por ter impacto positivo na qualidade de vida, quanto mais não seja por irem beber café, ler o jornal, falar com as pessoas. Nós tivemos um longo período de obras e é engraçado como havia um grupo de sócios que, mesmo com o barulho, continuava a ir lá para ler o jornal e se encontrarem. Isto pode parecer que tem pouco significado, mas para aqueles sócios..., manter a rotina importava." *Paulo Ezequiel* 

Questionados relativamente ao papel das associações para a promoção cultural, desportiva, recreativa e de lazer nas freguesias e nos concelhos, afirmam que para além do acesso democrático, popular e a baixos custos às atividades, as associações estimulam relações inter-geracionais e comunitárias, contribuindo para o desenvolvimento dos bairros. Indicam a importância dessa promoção em territórios rurais e/ou de baixa densidade populacional e, consequentemente, com um número diminuto de ofertas e serviços.

"É, sempre foi e será um papel vital. Têm surgido algumas *modernices*, tais como academias ou *sport centres*, de caráter nada associativo, sem alma de coletividade e, muitas vezes, animados

apenas pela busca do lucro (...). As associações tiveram uma importância vertebral no desenvolvimento dos seus bairros, proporcionando lazer, desporto, arte e cultura às populações" *Rafael Graça* 

"Para mim a promoção desportiva, cultural e recreativa deveria ser uma coisa assegurada para toda gente e que não ficasse ao critério de uma boa direção..., isso é o papel do Estado. Não podendo ser o Estado, essa deve ser a visão..., assegurar o acesso dos jovens daquela aldeia ao desporto, se não for gratuitamente por ser impossível, a preços muito baixos." *Rita Albergaria* 

Neste seguimento, expõem também o papel das associações e dos seus dirigentes para a preservação do património arquitetónico, pelo facto de muitas das associações estarem sediadas em edifícios que fazem parte da história e da vida da comunidade. O acervo de cada associação surge como riqueza cultural a preservar, como a história a contar estórias, como o conhecimento atual aliado às experiências do passado e às aprendizagens que se podem retirar do mesmo. O património material e imaterial de uma associação vai para além das suas "paredes", fazendo parte da vida de toda a comunidade.

"A nossa responsabilidade maior é cuidar o nosso património, que não é só nosso, mas do meio onde se insere, da história. E é esse o papel que a coletividade deve ter: estar aberta às pessoas e colocaram-nos a nós a tarefa de a gerir, em determinado momento". *Paulo Ezequiel* 

No que diz respeito à importância das associações para o desenvolvimento e crescimento de crianças e jovens, as associações são entendidas como espaços singulares, como escolas de cidadania e de participação, de autoconhecimento, de aquisição de uma diversidade de competências, que potenciam o desenvolvimento humano e lhes incute a possibilidade de aprender, divertindose, relacionando-se como praticantes e como amigos, desenvolvendo sentimentos e valores que podem alterar também os comportamentos dos pais.

"Importam pelas nossas experiências na infância e sua importância..., a disponibilização para que crianças e jovens se possam divertir e adquirir competências. O movimento

associativo deve constituir também um mecanismo de aprendizagem, deve acompanhar o crescimento e potencializar o desenvolvimento do ser humano. E, acima de tudo, um sentido comunitário". *Artur Ávila* 

"É da maior importância porque sem as associações, os jovens viam negado o acesso a essas atividades. Falamos da democratização da cultura, do desporto e de outras atividades". Jorge Santos

"É algo que influi direta e indiretamente no desenvolvimento dos jovens. Ao conhecerem como um clube funciona, como a sua orgânica se processa, enriquece-os para um futuro de maior participação social e comunitária, com maior consciência do habitat que os rodeia, intervindo positivamente sobre ele". *Rafael Graça* 

Com a promoção destas competências e capacidades, nas crianças e jovens, o sentimento de comunidade torna-se mais forte e aumenta a responsabilidade e vontade de seguirem os passos dos mais velhos, tornando-se também eles, muitas vezes, dirigentes associativos. Mesmo quando isso não acontece, a sua perceção sobre a orgânica e funcionamento das associações prepara-os para um futuro de maior participação cívica e comunitária, através da consciência dos contextos em que estão envolvidos, tornando-os adultos mais solidários e menos individualistas. É por essa relevância que para André Botelho "isso se deve manter, apoiar a população, querer trazer sempre essa mentalidade, de que nunca se vai fechar as portas de uma associação".

### 7 - CONCLUSÃO

A condição juvenil não constitui nenhum obstáculo intransponível de aproximação entre as associações e os jovens. Um conjunto de fatores exteriores ao associativismo, popular ou outro, constrangem a participação dos jovens, nomeadamente os que decorrem da sua inserção no mercado de trabalho, pilar fundamental da vida moderna. A precariedade, a desregulação dos horários de trabalho,

o individualismo moderno e o imediatismo, induzidos não apenas pelos processos laborais, poderão afastar os jovens da participação associativa, mas tal não constitui nenhum determinismo social, e a estes obstáculos outros fatores poderão aproximar os jovens do associativismo.

A produção de comunidade, o forte enraizamento local, a criação de relações sociais não instrumentais. favorece o desenvolvimento da participação associativa. A presença



do associativismo nos processos de socialização dos jovens, desde bem cedo e nas suas várias fases dos seus ciclos de vida, constitui um fator de elevada proximidade com o associativismo popular. Os indivíduos, nas suas relações sociais, estão sempre a (re)produzir sentido para as suas atitudes, perceções e práticas. O associativismo popular poderá ser uma base de produção de sentido comunitário, indispensável para o bem-estar dos indivíduos e dos grupos, contextos, territórios e sociedades nos quais se inserem. Seremos sempre seres sociais e culturais, com necessidades humanas que apenas o "mundo da vida" (como refere Habermas) poderá preencher.

### BIBLIOGRAFIA

- Albarello, Luc., Difneff F., Hiernaux J., Maroy C., Ruguoy D., & Saint-Georges, P. (1997). Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais. Gradiva
- Bryman, A. (2004). *Social Research Methods*. Oxford University Press.
- Arruda, P. (2012). Ainda somos os mesmos, mas não vivemos como nossos pais: juventude e participação na Universidade de Brasília. [Tese de Doutoramento em Sociologia). Universidade de Brasília.
- Augusto, N. (2008). A juventude e a(s) política(s):
  Desinstitucionalização e individualização. Revista Crítica de Ciências Sociais, (81), pp. 155-177.
  http://journals.openedition.org/r ccs/658
- Capucha, L., Nunes, N., Pereira, J., Calado, A. & Evaristo, T. (2021). Jovens do Concelho de Sintra – Condições de Vida, Atitudes e Práticas. Câmara Municipal de Sintra.
- Conselho da União Europeia e dos Representantes dos Governos dos Estados-Membros: *Estratégia* da União Europeia para a Juventude 2019-2027 (Resolução 2018/C 456/01), Jornal Oficial da União Europeia, 18/12/2018, C 456/1.

- Ferreira, P. (2008). Associações e
  Democracia. Faz o associativismo
  alguma diferença na cultura cívica
  dos jovens portugueses?
  SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E
  PRÁTICAS, (57), pp. 109-130.
  https://repositorio.iscteiul.pt/bitstream/10071/1203/1/So
  c57PFerreira.pdf
- Jardim, C. & Silva, S. (2022). Formas de participação de jovens com origem migrante em associações em Portugal. SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS, (98), pp. 51-70. https://revistas.rcaap.pt/sociologia pp/article/download/20020/1902 2/104580
- Kovaleski D., Grimm N., Spieger V. & Massignam F. (2017).

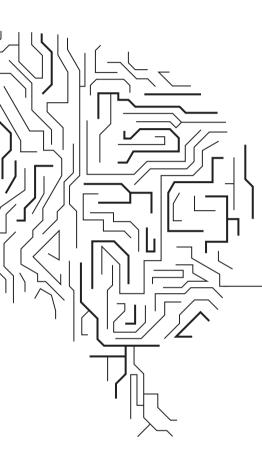
  Associativismo e qualidade de vida entre estudantes de graduação em odontologia. *Revista CEFAC*, 19(4), 493-502.

  https://www.scielo.br/j/rcefac/a/Qxc5h9sdRGtG5nNmfc5T9Cz/?format=pdf&lang=en
- Lobo, M., Ferreira, V. & Rowland, J. (2015).

  Emprego, mobilidade, política e
  lazer: situações e atitudes dos
  jovens portugueses numa
  perspetiva comparada. [Relatório
  Apresentado à Presidência da
  República]. Instituto de Ciências
  Sociais da Universidade de Lisboa/
  OPJ. Observatório Português da
  Juventude.

- Lopes, Vera. (2014). Os Jovens e as políticas de juventude. [Dissertação de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação]. Iscte – Instituto Universitário de Lisboa. https://repositorio.iscteiul.pt/bitstream/10071/8860/6 /master vera serrano lopes.pdf
- May, T. (2011). Social Research: Issues, Methods and Process. Fourth Edition. England: Open University Press McGraw-Hill.
- Morgan, D. L. (1988). Focus Groups as Oualitative Research. (Qualitative Research Methods, Vol. 16). SAGE Publications, Inc.
- Pais, J. (2005). Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro (2.ª Edição). Ambar.
- Ouintão, Carlota, (2004, maio 12-15). Terceiro Sector – elementos para referenciação teórica e conceptual. [Sessão de Congresso]. V Congresso Português de Sociologia. Sociedades Conteporâneas: Reflexividade e Acção. Atelier: Mercados, Emprego e Trabalho, Universidade do Minho, Braga. https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/ 54377/2/ISWP5200400012248 7.pdf

- Ribeiro, N., Neves, T. & Menezes, I. (2016). Participação cívica e política de jovens imigrantes e portugueses. Análise Social, 221, li (4.°), pp. 822-849. http://analisesocial.ics.ul.pt/docu mentos/AS 221 art03.pdf
- Sim, J., & Waterfeld, J. (2019). Focus group methodology: some ethical challenges. Ouality & Quantity, 53, 3003-3022. https://link.springer.com/content /pdf/10.1007/s11135-019-00914-5
- Vieira, M., Ferreira, V. & Pinho, F. (2017). Jovens: dinâmicas demográficas e participativas. Em J. Ferrão & Ana Delicado (Eds.), Portugal Social em Mudanca – Retratos Municipais (1.ª Edição, pp.43-53). Instituto de Ciências Sociais. https://core.ac.uk/download/pdf/ 95166766.pdf



### MARLENE SOFIA SOARES

CONSELHEIRA NACIONAL DA CPCCRD



### OS JOVENS, O ASSOCIATIVISMO E OS MEIOS DIGITAIS

Um dos maiores desafios, nos dias de hoje, é a mobilização de jovens para o associativismo. Há muito a dizer sobre esta temática e poderíamos evidenciar um conjunto de obstáculos, desde a falta de uma disciplina escolar sobre as bases do associativismo e a sua importância para a sociedade

e preparação na vida adulta, até à falta de estabilidade profissional e pessoal em que um jovem, nos dias de hoje, está inserido. Contudo, temos de fazer, também, outro tipo de análise.

Quais os interesses dos jovens? Em que contexto está o movimento associativo inserido?

Uma criança que tenha nascido no ano 2000 encontra-se no dia de hoje com 22 anos. É um jovem que já cresceu com internet, telemóvel e todo o género de equipamentos digitais. Estes jovens estão habituados a encontrar todo o tipo de novidades através da internet e redes sociais, começando pelo *Facebook* e passando pelo *Instagram*, *Twitter* ou *TikTok*.

Será que o movimento associativo conseguiu acompanhar esta evolução tecnológica e social?

No meu ponto de vista, o associativismo deve fazer um esforço para acompanhar a evolução tecnológica e consecutivas dinâmicas digitais onde os jovens estão inseridos.

Com a pandemia provocada pela Covid-19, as coletividades viram-se obrigadas a encerrar portas e a ser criativas. Verificamos que muitas não conseguiram enfrentar o problema de forma criativa, mas houve um conjunto de outras que, através de reuniões virtuais e iniciativas *online*, mantiveram alguma dinâmica nas suas coletividades. São um exemplo a seguir. Mas é preciso mais.

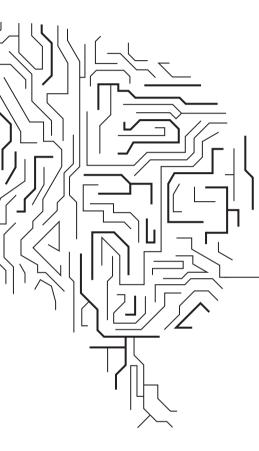
Existem vários motivos pelos quais o movimento associativo não conseguiu acompanhar esta evolução: a falta de recursos financeiros

que permitam investir em equipamento digital, a falta de conhecimento, o envelhecimento dos dirigentes, mas sobretudo a falta de capacitação.

Os meios digitais que hoje temos ao nosso dispor são fundamentais. Através das redes sociais podemos divulgar eventos, apoios, workshops, todo o tipo de atividades que a associação desenvolva e dessa forma chegar a um largo número de pessoas. Claro que nem sempre esse número se traduz na realidade, contudo é um recurso que não deve ser colocado de parte. As associações e os seus dirigentes devem ter em consideração que têm de evoluir e capacitar-se para poder acompanhar a evolução social, política, económica e tecnológica que os rodeia. O movimento associativo deve tornar-se num estímulo para o jovem, deve inovar e ser uma presença ativa e constante nos meios onde os jovens estão inseridos.

Acredito que o movimento associativo deve continuar a manter um papel cultural, educacional e recreativo na comunidade onde está inserido. Acredito que é possível tirar um jovem de sua casa para o seio de uma coletividade, mas é preciso que os dirigentes se capacitem, acompanhem as novas tecnologias de forma a consequirem adquirir ferramentas. Dessa forma podemos aliar o físico com o digital e dar um pequeno impulso ao movimento. Será assim tão estranho que um dirigente se capacite em novas tecnologias? Em marketing digital? O conhecimento é a capacidade humana de entender, apreender e compreender as coisas, e nunca é demais saber mais.

Sei que o movimento associativo não terá dias fáceis no futuro, contudo acredito que através da inovação, trabalho e perseverança será possível continuar a contribuir para a felicidade de todos aqueles que estão ligados ao movimento.



### **MARIA MIGUEL OLIVEIRA**

VICE-TESOUREIRA DO CENTRO DRAMÁTICO INSTRUÇÃO E RECREIO 31 DE JANEIRO "OS CELTAS"

# **UMA ANÁLISE SOCIAL SOBRE** O ASSOCIATIVISMO NA VIDA DOS JOVENS

Contemporaneidade e Associativismo



## UMA ANÁLISE SOCIAL SOBRE O ASSOCIATIVISMO NA VIDA DOS JOVENS

CONTEMPORANEIDADE E ASSOCIATIVISMO

O associativismo é entendido universalmente como uma prática social ligada à organização de associações que reúnem indivíduos que se reúnem diante de um coletivo de interesses mútuos sejam estes sociais, culturais,

políticos, económicos, científicos, entre outros. Relaciona-se na sua atividade como um conjunto de valências como a liberdade, democracia, união, cooperação e solidariedade.

"O Associativismo do Barreiro tem tido, ao longo dos anos, uma presença ativa, sendo uma expressão organizada dos cidadãos, através da qual estes, com a sua ação, contribuem, de forma voluntária, para a melhoria da qualidade de vida das populações e desenvolvimento da cidadania".

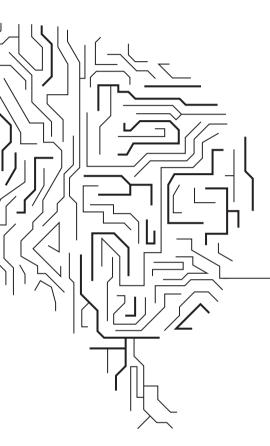
In Preâmbulo Carta de Princípios - Critérios de Apoio ao Associativismo, Câmara Municipal do Barreiro

O associativismo surge intimamente ligado ao espírito da democracia que surgiu com o 25 de abril; é um motor que fomenta a liberdade de expressão e que vence o individualismo de modo a constituir uma comunidade.

Constitui um elo de ligação de história e cultura portuguesa exprimidas através de uma ascendência de ideais que são até ao dia de hoje partilhados entre membros associativistas e o povo português.

Em pleno século XXI observa-se uma diminuição da inclusão e difusão das suas práticas. São as visões polarizadas de uma geração mais jovem que trazem agora voz ao que nos resta, é nos seus ombros que é depositada a esperança. Através das experiências plurais e geracionais encontramo-nos confinados àquilo que era, aquilo que agora é e ao que pode ainda ser o associativismo e a sua representação.

As associações são o apoio de qualquer nação, mas são sobretudo o escudo do povo português.



### **BRUNO PAIS DE MENEZES**

VICE-PRESIDENTE - GRUPO CARAS DIREITAS; VICE-PRESIDENTE - FIGUEIRA A PRIMEIRA ASSOCIAÇÃO CÍVICA; SECRETÁRIO - ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DA FIGUEIRA DA FOZ; PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL DA ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DA FIGUEIRA DA FOZ

A IMPORTÂNCIA DO ASSOCIATIVISMO



### A IMPORTÂNCIA DO ASSOCIATIVISMO

Desde muito cedo, e sem saber, ingressei neste maravilhoso mundo do associativismo.

Por muito que gostasse, não existem palavras suficientes para descrever o que é o Associativismo. Ao fazê-lo, estaria a ser demasiado redutor.

O associativismo bateu-me à porta de forma envergonhada e

quase indireta. Recordo o meu 5º ano no Ensino Básico, quando fui eleito pelos meus colegas como delegado de turma. Nessa altura, estaria longe de imaginar que o sentido cooperativo, e todos os valores que dele advêm, seriam uma constante na minha curta e ao mesmo tempo longa vida de 29 anos.

O ano letivo passou, fiz o que entendia estar ao meu alcance pelo bem comum – a melhoria das condições letivas dos meus colegas, mesmo que em causa estivesse a pugnar por condições junto da Direção da Escola.

Os anos passaram, e a responsabilidade e confiança para ser representante da turma (delegado), transitou comigo até ao meu 7º ano. No 8º ano, decidi abraçar o desafio de me candidatar como Presidente da Associação de estudantes. Foi o primeiro passo que dei neste longo percurso da vida Associativa. Felizmente, a lista que encabecei saiu vencedora, nesse ano e no ano que se seguiu.

Ao longo desses dois mandatos, senti o que era ter a responsabilidade, e a honra, em representar toda a comunidade escolar, lutando pelas necessidades e expectativas dos meus colegas.

Passados esses dois anos, decidi que estava na hora de deixar o lugar à disposição, pois tal honrosa função deveria transitar a outra pessoa. Mais tarde, e já na faculdade, senti que estaria na altura de voltar ao Associativismo. Desta vez o desafio era maior, em causa estava a Associação Académica da Faculdade onde estudei. Estava no meu terceiro ano da Licenciatura em Direito, e resolvi assumir o desafio. À semelhança do que

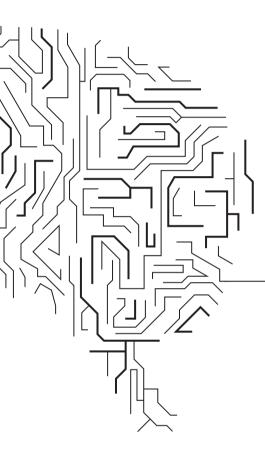
sucedeu no Ensino Básico, a lista por mim encabeçada, saiu vencedora. A maturidade era outra, o que ajudou bastante a sentir de outra forma a confiança e expectativa depositada na lista que encabecei para pugnar pelos anseios de toda a comunidade académica.

A partir daí, o associativismo foi algo que me entrou no sangue e nunca mais saiu. Atualmente desempenho funções como Vice-Presidente de duas Associações do Concelho da Figueira da Foz, assim como secretário noutra, também do Concelho da Figueira da Foz.

Se me perguntarem no dia de hoje se aconselho a qualquer jovem uma experiência pelo mundo Associativo, não tenho qualquer dúvida em responder que SIM. O sentido de missão, responsabilidade e cooperativismo que o Associativismo nos transmite, são na minha ótica valores de grande peso para a vida humana.

Acabamos por transportar esses mesmos valores no nosso dia a dia, e por vezes da maneira mais inconsciente possível, mas são esses valores que fazem muita diferença na nossa vida, e na vida daqueles com quem nos cruzamos.

Ser "associativista" é ser proactivo, é ser solidário, é colocar o superior interesse da comunidade em que nos inserimos, seja ela qual for, acima de qualquer interesse individual, é lutar diariamente por melhorar e corresponder às expectativas daqueles que representamos de forma direta, ou indireta. Um dia, alguém que muito estimo disse-me a seguinte frase: "Se deixares o mundo um sítio melhor do que aquele que encontraste, então já valeu a pena". É esta a frase que tenho presente antes de aceitar qualquer desafio associativo.



### **RODRIGO ANDRADE**

DIRIGENTE ASSOCIATIVO E MEMBRO DO OBSERVATÓRIO DO ASSOCIATIVISMO POPULAR (OBAP)

# **OS JOVENS NO ASSOCIATIVISMO** Que futuro nos espera?



### OS JOVENS NO ASSOCIATIVISMO – QUE FUTURO NOS ESPERA?

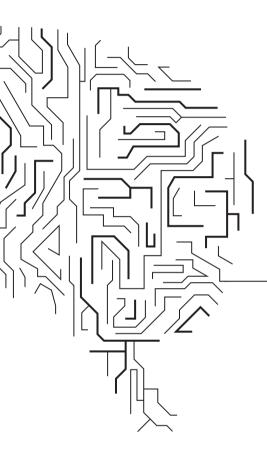
Desde sempre que o associativismo foi um dos grandes motores da mobilização das comunidades e populações. As associações e coletividades, como elo de ligação entre as mais diversas vertentes da sociedade, dinamizam as comunidades e criam uma verdadeira ligação à "terra" ou à coletividade entre

aqueles que nela participam. No entanto, é possível argumentar que, na atualidade, este elo está cada vez mais enfraquecido, e cada vez menos os jovens ligam às coletividades ou ao que acontece nas suas terrais natais. Isto deve-se a inúmeros fatores: à desertificação do interior, incentivado a que os jovens abandonem as suas terras à procura de um melhor emprego ou qualidade de vida nas Áreas Metropolitanas do Porto ou de Lisboa, ao cada vez maior individualismo presente na nossa sociedade, que privilegia o individual ao coletivo, coletivo este que é o oxigénio do associativismo, ou até devido à falta de vontade política, que frequentemente ignora o associativismo como um pilar base da sociedade.

É verdade que os jovens poderão não ligar muito ao associativismo na atualidade. Os tempos mudam, as sociedades evoluem e há sempre vertentes que se perdem, mas, a meu ver, quando os jovens entram nos seus 20/25 anos, começam a dar importância às coletividades talvez de outra maneira, contrária à que era feita antigamente. Atualmente, poucos jovens sabem o que é o associativismo, como funciona uma coletividade ou o que significa fazer parte de uma associação, mas sabem que anualmente têm a festinha da sua terra, para a qual voltam depois de um semestre inteiro a estudar em Lisboa ou no Porto. Sabem que, durante o tempo que estão fora das suas terrais natais, há diversas atividades como passeios, convívios ou festivais com os mais variados temas que acontecem nas suas localidades, ouvem pelos seus pais ou avós e veem nas redes sociais. Assim, a ligação é construída de outra maneira. É uma ligação em que, independentemente do

tempo que o jovem passe fora, quando voltar terá sempre a sua coletividade aberta, a promover as mais variadas atividades e a garantir que a chama popular nunca se apaque. Esta realidade torna o jovem mais investido na sua terra e com vontade de seguir os passos que muitos outros tomaram na participação com a sua comunidade. O outrora desinteresse ou até repúdio pela sua "terrinha" transforma-se em respeito e entusiasmo pelo trabalho que é feito pelas coletividades da sua terra.

Esta é a forma como o associativismo é dinamizado na minha localidade. De forma surpreendente, muitas das coletividades no Bombarral têm dirigentes associativos muito jovens. Quando falamos com eles, percebemos que foi quando acabaram de tirar o seu curso universitário e voltaram à sua terra, que começaram a dar mais importância ao associativismo e que foi isto que os fez mover para participarem na vida da sua comunidade. Nesta vertente sou bastante otimista. Sei que é difícil, mas acredito que os jovens irão dar importância ao associativismo e que este irá sempre manter-se vivo. Por isso, é extremamente importante que os dirigentes associativismo com mais idade abram as portas à juventude que quer participar, aconselhando-os e acolhendo a sua participação. Com esta ligação entre experiência e juventude, o associativismo irá rejuvenescer e continuará a ser o coração de muitas localidades pelo país fora.



# JOAQUIM ESCOVAL

DIREÇÃO DA CPCCRD E RESPONSÁVEL PELA ÁREA DA JUVENTUDE

JUVENTUDE PRECISA-SE NAS ASSOCIAÇÕES



### JUVENTUDE PRECISA-SE NAS ASSOCIAÇÕES

Se ensaiada uma análise dos pontos fracos e fortes da participação dos jovens nas associações, facilmente se concluirá que são muito mais os pontos que unem todas as faixas etárias, que aqueles que os separam.

Os jovens desta geração actual são porventura mais habilitados academicamente, e por via

disso mais propensos a mirar outros horizontes, pela sua idade são mais irreverentes e mais criativos e estas carateristicas são bem distintivas do que é ser jovem.

Mas não terão sido também esses os pontos fortes da juventude ao longo dos tempos?

Depois temos os pontos fracos: o valor das propinas, a necessidade de deslocação para frequentar um estabelecimento de ensino, a dificuldade em obter emprego, os horários desregulados, os salários baixos, os custos da habitação e por aí adiante.

Cabe aqui perguntar se não serão esses também os problemas que enfrentam a maioria dos portugueses?

A resposta é óbvia e é sim, os problemas dos jovens são genericamente os mesmos problemas da restante sociedade portuguesa.

Então qual a razão para os jovens estarem tão afastados dos esforços para encontrar soluções para os problemas que afinal são de todos?

Mas a montante desta pergunta importa, ainda, averiguar se de facto é assim mesmo, se não há jovens bem ativos seja nos movimentos sociais e políticos, se não os há também e naturalmente nas centenas de organizações juvenis que diariamente são criadas um pouco por todo o lado, se não integram muitas das direcções das associações de cultura, recreio e desporto que há em Portugal? Mais uma vez a resposta é sim, há jovens em todas estas vertentes e em muitas outras mais, mas queremos que sejam ainda mais.

Este movimento, que abrange todo o território nacional e que proporciona cultura, lazer e desporto a cerca de 3 milhões de portugueses, precisa ir assegurando a sua renovação e para isso é fundamental a energia, a criatividade, o empenho e a inovação que as camadas mais jovens lhe podem trazer.

É certo que muitos milhares de jovens já integram o movimento associativo seja a praticar deporto, a fazer teatro, a cantar nos grupos corais, a dançar no folclore e nas danças de salão, a tocar nas bandas filarmónicas. em atividades artísticas e em tantas e tantas outras modalidades que as associações proporcionam.

Vários deles até integram os órgãos sociais das suas associações ou colaboram activamente com elas, mas muitos mais são precisos para assumir responsabilidade diretivas.

Que faz falta para isso? Não só que se consigam resolver os problemas que afinal são de todos nós, e que se abram espaços para que a passagem de testemunho se efetue.

Não é raro encontrar dirigentes de associações que se mantêm em funções directivas por décadas, o que não permite que outros as assumam, renovando assim o quadro de dirigentes da associação e do próprio Movimento Associativo Popular (MAP).

Também será preciso inovar nos metódos, nos temas, nas iniciativas e nas formas de participação, para tornar a associação mais atrativa para os jovens.

Contamos com todos, jovens e menos jovens, para continuar a transmitir e praticar efetivamente os valores da solidariedade, da amizade, da fraternidade, tão caros ao MAP, e, acima de tudo, para melhorar o bem-estar das comunidades onde as associações estão inseridas.



**FRANCISCO BARBOSA DA COSTA**PRESIDENTE DA MESA DO CONGRESSO
DA CPCCRD



ROSA BATISTA
PRESIDENTE DO
CONSELHO FISCAL
DA CPCCRD



**AUGUSTO FLOR**PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA CPCCRD

# Grande Entre A

### OS QUE LUTAM

Há aqueles que lutam um dia; e por isso são muito bons;

Há aqueles que lutam muitos dias; e por isso são muito bons;

Há aqueles que lutam anos; e são melhores ainda;

Porém há aqueles que lutam toda a vida; esses são os imprescindíveis.

Bertolt Brecht

Fomos falar com três dos imprescindíveis do nosso meio associativo - Francisco Barbosa da Costa, Rosa Batista e Augusto Flor. Três dirigentes conhecidos e amplamente reconhecidos. Três amigos. Um exemplo de vida ao serviço dos outros, do movimento associativo, da democracia, da nossa cultura.

Procurou-se conhecer um pouco melhor alguns aspetos do seu percurso associativo e pessoal. O que pensam sobre o presente e o futuro do associativismo popular; e sobre a CPCCRD.

### Análise Associativa (AA): Qual é a primeira recordação que têm de uma associação/coletividade?

Francisco Barbosa da Costa (FBC): A minha atividade associativa teve uma dupla origem: Juventude Operária Católica (JOC) e Grupo Musical de Santa Isabel, hoje designado como Associação Desportiva e Cultural de Santa Isabel.

Rosa Batista (RB): A minha primeira recordação foi, sem dúvida, a entrada em criança, pela mão da minha madrinha, nas *matinés* de Domingo no Grupo Instrução e Sport (GIS).

Não sabia bem o que era uma associação, mas percebia que ali, naquele local, as pessoas se encontravam para se divertirem e serem felizes. Tantas memórias desses tempos, em que tão pouco era muito...

Augusto Flor (AF): Enquanto "Associação" diria que foi a Capela Salão das Torcatas onde fui Escuteiro, aprendi música e fiz teatro. Enquanto Coletividade de cultura, recreio e desporto foi no "Grupo Desportivo Estrelas das Torcatas", onde fui, acidentalmente, baterista no grupo de baile "Os Estrelas", ambas em Almada.

#### AA: Com que idades entraram para uma associação/coletividade

#### como associados ou participantes?

(FBC): A partir dos 10 anos comecei a "militar" na Juventude Operária Católica (JOC), como acontecia com boa parte dos pré-adolescentes da minha comunidade, participando em reuniões com dirigentes mais velhos, vendendo os jornais "Aprendiz" para os mais novos e o "JO" para toda a comunidade.

Esta foi a grande escola da minha vida,

onde aprendi a ler e a comentar em grupo questões ligadas à vida operária e à juventude e a desenvolver ações tendentes à sua consciencialização e à melhoria das suas condições de vida.

Fui aprendendo e depois, como militante e como dirigente a nível paroquial e diocesano, tive uma significativa intervenção na formação de muitos jovens e na sua inserção na vida comunitária.

Quanto à Associação de Santa Isabel, comecei a tomar contacto com ela "desde sempre" pois o meu pai foi ator nesta instituição juntamente com dois dos seus irmãos. Esta foi a razão, também, porque comecei a participar em peças de teatro, a partir dos dez anos de idade. Foi, pois, com naturalidade, que, aos 16 anos, me tornei seu sócio, e mais tarde, dirigente.

Seguiram-se várias outras participações em diversas instituições associativas de diferentes tipos, nomeadamente, culturais, desportivas e sociais, a nível local, concelhio, distrital e nacional.

(RB): Entrei para sócia do GIS quando tinha 15 anos. Na altura não sabia bem o que era ser sócia de uma Associação, mas sabia que queria muito ir para aquele espaço e que, apesar do meu pai ser sócio, eu também queria lá entrar e dizer que era sócia. E o meu pai inscreveu-me.

Mais tarde, quando já tinha 18 anos, fui desafiada para fundar um Clube de Jovens Rotaractistas, e aí, com o apelo do grupo de amigos em que me inseria, foi fácil dizer sim, mesmo sem saber muito bem para o que ia... Daí até ser Presidente só passaram dois anos, pois fui a segunda a assumir esse papel no Rotaract Club da Figueira da Foz.

Foram bons anos, em que aprendi o verdadeiro valor da amizade e da solidariedade e, desde então, o bichinho ficou. Apesar de alguns anos ter estado mais afastada destas lides, aquando do nascimento das minhas filhas (gémeas), nunca deixei de ter o meu pensamento nas causas sociais.

(AF): É importante sublinhar que acabei a 4ª classe aos 10 anos e fui trabalhar para uma oficina. Na Capela Salão foi com 13 anos. No G.D. Estrelas das Torcatas foi aos 15. Estávamos em 1970.

Quanto à experiência, vamos centrarnos nos "Estrelas". Na Capela Salão não precisava ser sócio. Desci a Avenida de Cristo Rei e inscrevi-me como sócio nos Estrelas. Esperei duas semanas para ser aceite. A minha ficha esteve exposta durante esse tempo até que a



Direção me informou que tinha sido aceite. Foi uma boa notícia.

O ambiente do bairro das Torcatas não era fácil. Muitos rapazes estavam na Guerra Colonial e alguns morreram ou regressaram feridos. Havia muitos problemas de marginalidade e violência de vários tipos. Mantive os contactos e até amizades com rapazes marginais, mas sempre fiel ao trabalho na oficina e aos estudos noturnos após os 14 anos e no caminho paralelo de ter atividades recreativas e associativas.

AA: Qual a importância do associativismo popular no vosso

#### percurso individual? E qual o papel que ocupa atualmente nas vossas vidas?

(FBC): Estas atividades tiveram uma importância capital na minha formação global, tendo-me possibilitado valiosas aprendizagens que marcaram o meu percurso social, cultural e político e que continuam a influenciar, ainda hoje, a minha vida, nas suas diferentes dimensões.

(RB): O associativismo popular contribuiu para a definição da minha personalidade, quer profissionalmente quer socialmente. Tenho a certeza que, se não fossem todas as aprendizagens

que ao longo da minha vida experienciei no associativismo, hoje não seria a pessoa que sou. Por isso estou grata por todos os ensinamentos que me fizeram crescer como pessoa e sei que recebi mais do que aquilo que dei.

Estive 19 anos à frente dos destinos da minha coletividade, liderei várias equipas, construí e desenvolvi diferentes projetos, adaptei-me a diferentes personalidades e cultivei imensas amizades

Atualmente sou Presidente de Junta de Freguesia e, por isso, entendi deixar a direção da coletividade, mas isso não significa que abandonei o associativismo, apenas o passei a olhar de forma mais abrangente, transpondo para esta nova etapa da minha vida todas as lições que aprendi em termos associativos.

Costumo dizer, que não respiro se não tiver o mar por perto, mas também me sinto perdida se não sentir o pulsar e a vontade de fazer coisas em prol da comunidade em que me insiro.

(AF): O que aprendi na Capela Salão e no Estrelas das Torcatas salvou-me de uma eventual vida de marginal. A minha escolha, exclusivamente pessoal, foi a mais acertada. Cresci como rapaz e como homem sempre ligado ao associativismo. Pratiquei Boxe no

Ginásio Clube do Sul durante 3 anos, participei nos Jogos Juvenis de Almada, onde fui distinguido com a Taça Disciplina (individual) que é o troféu de que mais me orgulho. Fui cofundador dos Pumas Râguebi Clube, joguei Râguebi em vários clubes durante 9 anos e fiz Teatro de Amadores na Incrível Almadense.

Sou sócio de 13 instituições, 4 nacionais e as restantes 9 de Almada. Aos 15 anos fui dirigente do Estrelas das Torcatas, em substituição de um colega que foi mobilizado para Angola. Fui dirigente de várias Coletividades, assumindo quase todos os cargos possíveis. Cheguei à Federação Portuguesa das Coletividades, que já conhecia, em 2002, integrando a Direção como Secretário por proposta do então Presidente da Incrível Almadense, Carlos Alberto Rosado.

# AA: Como é que está hoje o associativismo popular, em Portugal? Qual a sua importância para o nosso país?

(FBC): O associativismo popular, com os altos e baixos próprios de organismos vivos, continua a desempenhar um papel fundamental na sociedade, informando a vida das pessoas e das comunidades, contribuindo decisivamente para o crescimento global dos



indivíduos, e para a sua inserção na vida coletiva. Julgo que o país seria muito mais pobre se não existisse este movimento ao serviço de todos os que querem participar e dele beneficiar.

(RB): O associativismo popular já viveu melhores dias em Portugal. As novas formas de comunicar afastaram as pessoas das Associações e isso tornouse uma arma difícil de combater, principalmente nos mais jovens, o que é preocupante. Também o desemprego no nosso país levou os mais jovens para fora, sendo esta mais uma pedra no caminho, seja para atrair frequentadores, seja para elaborar corpos diretivos.

Mas é preciso reinventar. É preciso definir novas estratégias para captar os novos públicos. São precisos apoios e incentivos do Estado.

Não podemos permitir que séculos de história associativa se esfumem.

O nosso país continua a precisar do associativismo para formar músicos, atletas, atores e tantas outras valências, como ATL, apoio social, centros de convívio...

(AF): Se entendermos o associativismo popular como movimento social dedicado à cultura, recreio e desporto, creio que se pode afirmar que continua a cumprir com o seu papel de substituir ou complementar as funções sociais do Estado, contribuindo de forma insubstituível para a melhoria das condições de vida das populações. Tem uma importância tal que será muito difícil "contabilizar". Tem dimensões materiais e dimensões imateriais. Tem dimensões que só através da história, da economia, das finanças, do direito ou da ciência política será possível conhecer. Tem dimensões imateriais que só com recurso à antropologia, sociologia e psicologia poderão ser reconhecidas e valorizadas. Podemos perguntar qual o contributo do associativismo para a qualidade da democracia e o que seria a cultura, recreio e desporto em Portugal sem o associativismo.

Só uma estratégia de reconhecimento do empirismo, ou seja, da experiência adquirida e transmitida ao longo de gerações, associada à ciência e às várias disciplinas, nos poderão dar a verdadeira dimensão do associativismo. O associativismo é um poder real e simbólico porque através de valores e práticas consciencializa, mobiliza e transforma a sociedade.

AA: Quais são (em vossa opinião) os principais desafios do associativismo popular na próxima década?

(FBC): A maior abertura às comunidades, uma permanente capacidade de aprendizagem e uma efetiva fuga ao espírito de "capelinha" são questões que importa ter em conta para um ajuste permanente aos desafios que se irão colocar no futuro.

(RB): Os principais desafios são a subsistência e o rejuvenescimento. Sem apoios estatais, temo que a maior parte das associações desapareçam por falta de capacidade de sobrevivência. As atividades já não geram as receitas necessárias para fazer face às despesas correntes.

Por outro lado, se não houver um rápido rejuvenescimento, em poucos anos as associações não terão forma de continuar, pela idade avançada dos seus sócios, habituais frequentadores, assim como dos dirigentes.

(AF): Os desafios são os mesmos de sempre a que se somam as necessidades atuais das quais destacaria a formação e capacitação dos Dirigentes, por um lado, e uma mudança de paradigma por parte do Estado, central, regional e local. É preciso e urgente que se reflita e mude o modelo social de remediação e se evolua para um modelo de prevenção social. Devemos começar por identificar as causas que



estão na origem de muitos dos problemas sociais que temos e como os prevenir, desde logo a distribuição da riqueza produzida.

AA: Como é que caracterizam o atual mandato dos corpos sociais da CPCCRD? O que é que correu melhor? O que é que faltou fazer? (FBC): Considero que há uma enorme qualidade no trabalho do atual mandato dos órgãos sociais da Confederação, quer pela multiplicidade de ações e de tarefas, quer pela constante atividade informativa e formativa, quer pelo apelo à formação dos seus agentes, aos mais diversos níveis.

Apesar de tudo, há sempre algo que fica aquém da vontade de todos os intervenientes, mas o saldo é francamente positivo. É evidente que, para quem quer sempre o melhor para as instituições de que faz parte, parece que falta sempre mais alguma coisa.

(RB): O atual mandato da CPCCRD foi intenso e desafiante. Projetou o Associativismo e tornou-o mais certificado e habilitado a construir novos projetos. Procurou inovar, envolver e catapultar. Defendeu e deu voz junto do poder político.

O que correu melhor foi a possibilidade de tornar os dirigentes associativos mais capazes, mais experientes e mais habilitados, através dos Cursos de Formação.

O que faltou fazer foi criar redes de comunicação mais assertivas e facilitadoras de comunicação e de disseminação de boas práticas.

(AF): Qualquer coisa que eu diga poderá ser interpretada como autoelogio, justificação ou como recado para o futuro. Ainda assim, arrisco dizer que nas atuais circunstâncias, com a pandemia, o mandato 2019/2022 é francamente positivo. Quando comparo com outras entidades semelhantes que têm mais meios técnicos, económicos, financeiros e humanos, sinto que estamos no caminho certo e no lado certo da vida.

O que correu melhor foi termos conseguido cumprir, em grande medida, com os compromissos assumidos no início do mandato, como é o caso do Projeto de Capacitação; a apresentação de candidaturas ao Desporto para Todos; candidatura para organizar 6 festivais de Coros; representar a Confederação no Conselho Económico e Social (CES), Conselho Nacional para a Economia Social (CNES), Conselho Nacional do Desporto (CND); dinamizar o funcionamento do Conselho Nacional do Associativismo Popular

(CNAP); apresentar propostas em todos os Orçamentos de Estado; constituir um Grupo de Trabalho que fez uma proposta de revisão dos Estatutos e preparar um ato eleitoral para o mandato 2022/2026, onde será comemorado o centenário da Confederação.

Em todo este período (pandemia 2020/2022) conseguimos manter o funcionamento regular da Confederação e apoiar as filiadas e não filiadas com informação regular e útil, dandolhes perspetivas e motivação para enfrentar a pandemia.

O que correu menos bem foi o facto de muitas das nossas propostas não terem sido aceites por órgãos de poder como a Assembleia da República ou Governo. Podemos ainda destacar como menos positivo o atraso na mudança de instalações da Sede Nacional por dificuldades da Câmara Municipal de Lisboa. Tudo casos que não dependem só de nós. Vamos ver como vai ser daqui para a frente...

# <u>AA</u>: Quais são (em vossa opinião) as principais oportunidades e ameaças que a CPCCRD enfrenta no próximo mandato?

(FBC): Considero fundamental manter viva a formação permanente de quadros, para o indispensável rejuve-

nescimento geracional e para a fundamental formação contínua.

Como em todos os domínios da vida coletiva, importa prevenir para as constantes tentações de todos os tipos, para a inércia, para a surdez aos desafios do futuro. É fundamental ter sempre presente o princípio de que, como em tudo na vida humana, há sempre desafios que importa acolher.

(RB): As principais oportunidades para o próximo mandato são a possibilidade de afirmação do Associativismo junto do poder local e nacional, tornando-se um parceiro estratégico no desenvolvimento de projetos aglutinadores e desenvolvidos em rede.

As ameacas serão a falta de reiuvenescimento e a desmotivação geral dos dirigentes em colaborar com a CPCCRD.

(AF): As principais oportunidades terão que ser a continuação do processo de Capacitação, no quadro do PRR e Fundos Europeus 2030. Teremos que ter aprovado o Estatuto Fiscal da Economia Social para fazer justiça a este sector e equilibrar e fazer convergir as 8 famílias da Economia Social.

As principais ameaças poderão ser a forma como estão as relações de trabalho em Portugal com a precariedade, baixos salários, desregulação de horários de trabalho e deslocalização de locais de trabalho, que afetam muito os Dirigentes Associativos, na sua grande maioria trabalhadores por conta de outrem. Por outro lado, terá que haver sinais claros para resolver problemas que têm décadas como o caso da revisão da legislação associativa, mas também uma política clara do Estado central e das Autarquias locais para o associativismo.

Tenho para mim que estas serão as batalhas do futuro: no curto, médio, longo e... muito longo prazo!

Muito obrigado Francisco Barbosa da Costa! Muito obrigado Rosa Batista! Muito obrigado Augusto Flor!

# Estudos

#### DEOLINDA NUNES JOÃO MONTEIRO MARIA JOSÉ RAFAEL

OBSERVATÓRIO DO ASSOCIATIVISMO POPULAR - OBAP

**ISABEL GRAÇA** 

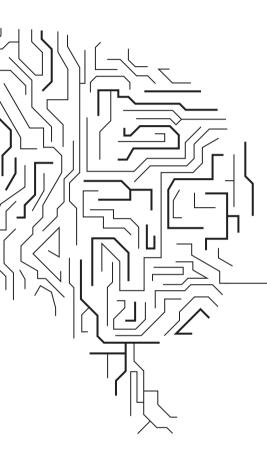
DIREÇÃO DA CPCCRD

# A ELEVADA PARTICIPAÇÃO NO PROCESSO ELEITORAL DE DEZEMBRO DE 2020 NA SOCIEDADE FILARMÓNICA ARTÍSTICA PIEDENSE

Estudo de Caso

DO COMUNITARISMO AO MOVIMENTO ASSOCIATIVO

História, presente e futuro



## DEOLINDA NUNES JOÃO MONTEIRO MARIA JOSÉ RAFAEL

OBSERVATÓRIO DO ASSOCIATIVISMO POPULAR - OBAP

# A ELEVADA PARTICIPAÇÃO NO PROCESSO ELEITORAL DE DEZEMBRO DE 2020 NA SOCIEDADE FILARMÓNICA ARTÍSTICA PIEDENSE

Estudo de Caso

# Sumário:

- 1 Nota introdutória
  - 1.1 \_ Questão de partida
  - 1.2 Palavras-chave
- 2 Indivíduo e associação
- 3 O associativismo em Portugal
  - 3.1 \_ O associativismo na Cova da Piedade
  - 3.2 A S.F.U.A.P.
- 4 ¬ Modelo de análise
- 5 Análise de conteúdo
- 6 Identidade e pertença
- 7 Considerações finais
  - Bibliografia

#### 1 - Nota introdutória

presente artigo traduz um estudo de caso que pretende encontrar resposta para a situação atípica que envolveu o processo eleitoral, em 2020, para os novos Órgãos Sociais da Sociedade Filarmónica Artística Piedense (S.F.U.A.P.) da Cova da Piedade, mais concretamente quanto ao número de listas apresentadas (3) e à elevada participação dos associados no mesmo (+ de 600).

Esta pesquisa insere-se no plano de estudos de investigação do OBAP – Observatório do Associativismo Popular, entidade que surge no âmbito do Projecto de Capacitação que se encontra a ser desenvolvido pela CPCCRD – Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto em parceria com a Universidade Lusófona e o ISCTE. O OBAP tem como objetivo o estudo e investigação do Movimento Associativo Popular em particular e em geral do sector da Economia Social.

Quando se atravessa um problema de saúde pública à escala global (uma pandemia) que tem imprimido acentuadas restrições de circulação e de interação e, quando no movimento associativo, onde a S.F.U.A.P. se inclui, é corrente a apresentação de uma ou duas Listas a cada processo eleitoral, a candidatura de três Listas, formadas em pouco mais de um mês, pode considerar-se um fenómeno social e comunitário a que acresce a atípica participação de associados votantes. Esta singularidade granjeou a atenção do ramo das Ciências Sociais, em particular das disciplinas de Sociologia e de Psicologia, que enquanto equipa interdisciplinar levou a cabo a presente pesquisa.

#### 1.1 \_ Questão de partida:

Que fatores conduziram ao surgimento de 3 listas candidatas e à elevada participação dos associados no processo eleitoral para a eleição dos Órgãos Sociais da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense em 18 de Dezembro de 2020?

#### 1.2\_Palavras-chave:

Associativismo, identidades, "Sociedade", "Parque", mobilização, eleições, clivagem.

#### 2 - Indivíduo e associação

O ser humano é um ser eminentemente biopsicossocial.

Da mesma forma que cada um de nós contribui para o pluralismo do "todo", para a formação de uma identidade colectiva, cada indivíduo vê reflectida na sua ação individual, e nas suas representações de ideias, os efeitos da coesão, do controlo social e dos modos de pensar hegemónicos do grupo. Esta influência do coletivo sobre o indivíduo leva de forma natural a uma reconfiguração da identidade individual, atenuando desvios e tornando o grupo como um padrão referencial. Este efeito tende a tornar o indivíduo mais solidário e a integrar uma rede de significados comuns aos outros indivíduos que o co-responsabilizam, reforçando a sua relação de pertença e comprometendo-o com o coletivo. Esse compromisso pode implicar ações de maior ou menor influência sobre o bemestar geral, podendo esse nível de participação oscilar de acordo com os papéis sociais de cada um. Estes papéis sociais poderão estar expressos meramente em esquemas mentais e subjetivos, ou, no caso de modelos de associação formalmente organizados, poderão converter-se em funções e estar plasmados em regras como estatutos, regulamentos, leis, etc.

#### 3 - O associativismo em Portugal

Ao longo da História encontramos várias formas de associação. No entanto, iremos focar-nos sobre o movimento associativo de raiz popular.

Antes de mais importa deixar aqui a definição de associação.

Citando António Sousa Santos: "é a expressão de uma resposta organizada e executada pelos próprios interessados, a necessidades de natureza social e cultural não resolvidas pelas instituições oficiais, e sentidas por grupos sociais abertos mas relativamente homogéneos, habitualmente localizados em comunidades de pequena dimensão territorial e populacional."

As dificuldades recorrentes da implementação da industrialização em Portugal obrigaram as populações a se associarem para as minimizarem.

Citando Costa Goodolphim:

"operário, associando-se ao operário, tirando todas as semanas da sua féria uma pequena parcella, garante os recursos para os dias de doença, e por esta forma, sem vender, sem empenhar, sem os seus morrerem de fome, recupera a saúde no regaço da família. Eis a associação de soccorros mútuos."

As primeiras associações criadas em Portugal foram de um modo geral designadas por montepios - o Montepio do Senhor Jesus do Bonfim 1807, e outros mais, até ao Montepio Geral em 1840.

Também as Bandas de Música foram das primeiras associações a serem formadas ainda no século XVIII. Só neste século pensamos terem sido fundadas nove Bandas de Música, tendo início com a Banda de Música de São Tiago de Riba-Ul (Oliveira de Azémeis) em 1722 passando por muitas outras, até à Banda Musical de Monção em 1792.

Outra importante tradição é a do "amadorismo dramático" ou do teatro de amadores, com algumas referências interessantes:

O primeiro teatro de amadores digno de registo, fundado na Figueira da Foz, estava situado no pavimento térreo do Paço dos Condes da Figueira, terreno que é localizado na rua Detrás do Paço. Foi construído entre os anos de 1820 e 1823, e a primeira representação deu-se com a tragédia Nova Castro, em que tomaram parte os amadores Joaquim Dias da Costa, João Inácio da Cruz Forte, Francisco António Braz, João António, cirurgião em Buarcos, João Gaspar, Caetano Gaspar e Manuel José dos Santos.

No que se refere ao Associativismo Desportivo:

A 6 de Abril de 1856 surge a Real Associação Naval de Lisboa, que se dedicava ao remo e à vela. Em 1876 é fundado o Clube Fluvial Portuense. Ainda na década de 70 é fundado em Lisboa outro clube histórico, o Real Ginásio Clube Português, fundado em 1875. Também o ciclismo teve a sua oportunidade com a fundação em 1891 do Real Clube Velocipédico de Portugal, logo seguido pelo Real Velo Clube do Porto.

Os anos passaram e a missão continua a mesma, proporcionar o acesso ao desporto às populações.

Portugal é um país em que o associativismo desempenhou e desempenha um papel fundamental para o desenvolvimento cultural e social das populações.

Com mais de 33.000 associações, de acordo com a Conta Satélite da Economia Social, com dados a 2016, o associativismo popular reveste-se de uma importância única para o bem-estar e melhoria de condições de vida para as populações, para além do seu papel enquanto polo agregador de vontades,

civismo, democracia, criação de sinergias, inclusão e promotor do desporto, da cultura e do lazer.

#### 3.1 O associativismo na Cova da Piedade

"O associativismo representa uma das mais fortes tradições populares de Almada. Uma herança cultural a testemunhar, hoje, que a união faz a força e que, ontem, na solidariedade, na recreação, no convívio [...] se ganhou a consciência colectiva de cada almadense. Uma das raízes culturais mais ricas para alimentar um projecto de sociedade em que «cada um entrega o melhor de si para colher o melhor da comunidade»."

(Carlos Abreu e Francisco Branco - O associativismo. Tradição e arte do povo de Almada)

A Cova da Piedade foi, no século XIX, uma das localidades onde se sentiu com maior pertinência um quadro de evolução profunda, a nível ambiental e industrial, com consequências de profundas assimetrias em termos sociais e culturais, motivado pelo crescente desenvolvimento industrial e a afluência de correntes migratórias, oriundas de diferentes pontos do país, particularmente do Alentejo, Algarve e também do Ribatejo e Beiras, para além das vastas terras rurais envolventes.

Sendo pares nas condições de trabalho e sociais, com os naturais e moradores da Cova da Piedade, as necessidades de sobrevivência e de procura de estabilidade identitária e social foram supridas em grande parte pelo movimento associativo, nomeadamente através da pertença a associações de carácter lúdico e ligadas à cultura e ao desporto, mas também de outras com carácter social e de ajuda mútua, associações essas que contribuíram igualmente para o desenvolvimento da Cova da Piedade.

O associativismo na Cova da Piedade constituiu-se como um meio indispensável para a inclusão, integração e desenvolvimento da sua população.

3.2 A S.F.U.A.P.

A S.F.U.A.P. – Sociedade Filarmónica União Artística Piedense, é umas das associações representativas do espírito associativo do concelho de Almada. Cultural e socialmente está inquestionavelmente ligada à evolução da Cova da

Piedade, nomeadamente estando a sua sede instalada num dos mais emblemáticos edifícios do património piedense: o palacete de António José Gomes.

A S.F.U.A.P., para além do objetivo que esteve na sua génese, a cultura, através da criação de uma banda de música, teve igualmente um papel preponderante na criação de laços de sociabilidade entre pessoas oriundas das mais diversas atividades profissionais, tais como operários, corticeiros, metalúrgicos, moageiros e da indústria naval, residentes na zona e também vindos de fora, mas também com pessoas de Almada, das mais variadas classes e profissões, desde comerciantes e intelectuais, através do sentimento sadio que é o amor à música.

A centenária associação tem, no entanto, vindo a adaptar-se às mudanças de paradigmas que a sociedade lhe tem colocado. A S.F.U.A.P. foi diversificando a sua oferta à comunidade e hoje mantém-se como uma colectividade de referência no Associativismo, mantendo o espírito associativo, criando novas condições de acolhimento aos seus associados e utilizadores, melhor adaptadas e ajustadas às novas vivências.

A história desta associação, o seu percurso de mais de cento e trinta anos, desde 1889, corporiza o diálogo entre um passado e um presente, contribuindo para a contínua consolidação de laços colectivos em torno de sociabilidades e tradições e um interesse sempre actuante no património cultural não somente a nível local.

#### 4 - Modelo de análise

Após a colocação do problema – uma singularidade expressa na elevada participação no processo de eleição dos órgãos sociais em 18 de Dezembro de 2020 da S.F.U.A.P., onde se constatou uma adesão em dois níveis distintos: quanto ao número de Listas candidatas (3), membros envolvidos, candidatos e mandatários (66); e quanto ao número de votantes (665), deveras contrastante com as habituais escassas dezenas de votantes na única Lista candidata – e acauteladas as questões de ordem deontológica, deu-se início à fase exploratória que nos permitiu estabelecer o primeiro contacto, ainda subjectivo, com o campo de trabalho. Esta fase integrou diversos procedimentos de pesquisa empíricos e

teóricos, como: conversas informais com pessoas ligadas à S.F.U.A.P.; pesquisa documental na sede, na qual foi dada prioridade a atas de assembleias-gerais e a reuniões de Direção; pesquisa teórico disciplinar; pesquisa de história local e *clipping*. A informação recolhida, seleccionada e pré-analisada, nesta fase permitiu delinear um primeiro modelo de análise.

Formularam-se assim dois guiões que possibilitaram estruturar as treze entrevistas realizadas. Um guião comum às doze entrevistas dos candidatos das três listas, de formato equitativo (Presidente da Direção, Presidente da Mesa da Assembleia, Presidente do Conselho Fiscal e Mandatário) e um outro diferenciado por questões de adequação factual, direccionado ao ex-presidente do último mandato.

As entrevistas de cariz aberto, semi directivas, realizadas entre os dias 21 de Maio de 2021 e 14 de Outubro de 2021, por motivos sanitários foram na sua maioria efectuadas por videoconferência tendo sido apenas quatro realizadas de forma presencial.



#### 5 - Análise de conteúdo

Partindo da análise da dimensão: <u>Conhecimento dos candidatos</u> observase uma média de idade de 70,3 anos para os candidatos entrevistados da Lista A, de 59,5 para os da lista B e de 63 para os da Lista C. Este indicador pode ser revelador de que na S.F.U.A.P.se verifica a dificuldade de renovação de gerações ao nível dos membros dos Órgãos Sociais podendo traduzir um menor apego dos jovens ao associativismo. Ainda assim, o candidato a Presidente da Direção por parte da Lista B, com 30 anos de idade, traduz a observação etária de maior desvio.

Também sob a mesma dimensão de análise, quanto à antiguidade de associado na S.F.UA.P. observada através do número médio de sócio, verifica-se que a maior antiguidade ocorre na Lista B com um número médio de sócio de 1077, a Lista A de 3687 e a Lista C de 3968. Estes indicadores traduzem as médias dos quatro candidatos entrevistados em cada lista, sendo o maior desvio observado na Lista A por parte do Mandatário, com o número de sócio 19 revelador da maior antiguidade.

Ainda no âmbito da mesma dimensão, <u>Conhecimento dos candidatos</u>, procurou-se saber quais os candidatos que residem no concelho da sede da S.F.U.A.P. ou seja, em Almada, tendo o resultado obtido sido idêntico, ou seja, cada 3 dos 4 candidatos de cada uma das listas residem no concelho de Almada.

Quanto ao género não foi criada uma variável para análise dada a clara observação da imparidade constatada, observando-se que dos 13 candidatos 12 são do sexo masculino o que, cruzando com a média etária, pode ser revelador do universo masculino que o movimento associativo encerra por tradição.

Relativamente à dimensão de análise <u>A S.F.U.A.P. na vida dos candidatos</u>, de cariz qualitativo, que procurou aferir a relação de pertença simbólica à S.F.U.A.P. por parte de cada um dos entrevistados e, tendo como base os indicadores <u>Prática de atividades / modalidades</u> e <u>Envolvimento associativo</u>, pode concluir-se que os candidatos da Lista A e da Lista B revelam nas suas histórias de vida uma maior relação de pertença à S.F.U.A.P. comparativamente com os candidatos da Lista C, tendo sido obtida a seguinte notação: Lista A = 22; Lista B = 23; Lista C = 16, de acordo com o cálculo utilizado e exposto em 5.1. Este apego histórico-simbólico por parte dos candidatos, assume no Mandatário da Lista A a sua máxima expressão com 10 pontos, tendo em conta os laços que o relacionaram com a

S.F.U.A.P. ao longo da vida. É adequado salientar que o processo de mensurar a ligação simbólica à S.F.U.A.P. não visa avaliar ou comparar competências individuais, mas antes, complementado com sinais captados durante as entrevistas, aferir a intensidade e a duração da relação afectiva, subjetiva e de cariz identitário entre cada candidato e a associação em causa.

A dimensão seguinte: <u>Avaliação e percepção</u>: remete-nos para a apreciação dos modelos de gestão da S.F.U.A.P. nos últimos três mandatos. Desta dimensão, o indicador <u>Antinomia</u> que expressa um conflito normativo ou de oposição de ideias, foi integrado no modelo de análise logo na fase exploratória em particular na fase de pesquisa documental, dado o antagonismo dos pontos de vista detectados no seio da Direção. O outro indicador da dimensão <u>Avaliação e percepção</u>, procura traduzir a *Coesão e transmissão de valores histórico-identitários* nos últimos três mandatos, em particular na tomada ou não de medidas agregadoras de todos os departamentos em torno de uma só identidade colectiva, historicamente construída e pautada por valores humanistas.

O posicionamento perante os actos de gestão dos últimos mandatos por parte dos candidatos assume aqui três perspetivas distintas, de certa forma modeladas pelos diferentes interesses inerentes a cada grupo que as Listas representam.

Cumpre-nos antes, referir que decorrido o primeiro prazo legal inicial, não surgiu qualquer candidatura, tendo as três Listas apresentado as suas candidaturas já no período alargado do prazo.

Assim, por parte da Lista A, representada pela corrente demissionária da anterior Direção, é clara a ideia de que a S.F.U.A.P. se encontra dividida em dois pólos: a sede e o parque de campismo, cada um com a sua identidade e conjunto de interesses, onde a maior receita do parque de campismo induz uma certa consciência de supremacia económica que tem contribuído para acentuar a referida divisão. Na perspetiva dos candidatos desta lista é imperativo que todos os associados da S.F.U.A.P. entendam que a "Sociedade", diminutivo pelo qual é apelidada na Cova da Piedade, é um "todo", uma instituição com uma imensa relevância na cultura e no desporto e com um longo e importante papel desempenhado durante décadas em prol da comunidade. Também é reconhecido pelos mesmos candidatos que a transmissão dos valores da S.F.U.A.P. não tem sido convenientemente concretizada relativamente às novas gerações e aos novos associados, em particular aos do campismo.

Os candidatos da lista B, afectos à banda filarmónica e ao desporto, referem que havia conflitos entre a anterior Direção e o Departamento de Campismo, tendo o processo de negociação de salários, que levou às greves dos trabalhadores, sido mal conduzido. Referem ainda que as assembleiasgerais eram pouco concorridas e durante anos os sócios não se sentiram motivados para participar enquanto alternativa, surgindo apenas uma lista em cada processo eleitoral. Consideram que há já algumas décadas que se vinha acentuando o divórcio entre os associados e a "Sociedade", desconhecendo uma grande parte dos sócios a importância que a S.F.U.A.P. teve e tem ao nível da formação de pessoas. A relação da S.F.U.A.P. com a população foi-se perdendo, por falta de iniciativas, em grande parte devido à inércia da Direção anterior.

Os candidatos da Lista C incorporam em grande medida a atividade campista e salientam o mal-estar que se verificava entre Direção e trabalhadores, sobretudo do Parque de campismo, vindo a culminar num conjunto de greves. Estava instituída a ideia de que eram os campistas quem financiava a banda e as modalidades. Explicam que a demissão do elenco anterior se deveu aos atritos havidos entre a Direção e o Departamento de Campismo. Mencionam ainda que o mal-estar se foi agravando por inércia da Direção relativamente a questões como a indefinição quanto à nova sede, bem como a falta de manutenção e de investimento no parque de campismo. Os campistas sentiam que a receita do campismo sustentava as outras atividades e não viam a sua aplicação no parque. Quanto à importância histórica da S.F.U.A.P., a mesma é indiscutível. Os entrevistados da Lista C consideram que a S.F.U.A.P. é reconhecida localmente, regionalmente e a nível nacional, sobretudo pelos feitos desportivos da natação. No entanto, tem vindo a perder popularidade, quase sem organizar eventos, tendo-se perdido a biblioteca, a sala do associado e o grupo de teatro. Já ao nível do campismo, reconhecem que a S.F.U.A.P. também é única pois todos os outros parques de campismo se encontram representados por clubes de campismo, o que não acontece neste caso.

Ainda quanto às mesmas variáveis <u>Antinomia</u> e <u>Coesão e transmissão de valores histórico-identitários</u>, o anterior Presidente da Direção considera que a dado momento deixou de ter apoio no seio da Direção, em particular do Departamento de Campismo, instalando-se gradualmente um ambiente anti solidário. Foi proposta a demissão de dois Directores do Departamento de

Campismo, não tendo a mesma decisão sido aceite. A Direção, considerando a situação ingerível e insustentável, tomou a decisão de se demitir, tal como a Mesa da Assembleia, abrindo assim caminho para a convocação de eleições.

Também na análise documental levada a cabo na fase inicial da pesquisa, em particular em algumas das atas das reuniões de Direção, se detectou o referido mal-estar existente no seio da Direção, sendo frequentes os registos de posições marcadamente antagónicas entre o Presidente e o Departamento de Campismo relativamente a diversos assuntos.

No que concerne ao processo eleitoral, definiu-se a dimensão <u>Mobilização</u> segmentada em três variáveis: <u>Formação das Listas</u> onde se procurou saber em que contextos foram as três listas constituídas e que movimentações lhes deram origem; <u>Difusão dos programas</u> que teve como objetivo o registo da forma pela qual os candidatos chegaram à fala com o eleitorado; e <u>O acto eleitoral</u>, onde se pretendeu observar o processo eleitoral de forma mais específica, sobretudo em torno do próprio ato de votar, contemplando a sua organização e a mobilização dos associados para o efeito.

Os entrevistados da Lista A, representantes da corrente demissionária, consideraram que o projecto deveria ter prosseguimento e que a fidelidade ao programa inicial se mantinha, sendo necessário a criação de uma nova lista que permitisse dar continuidade ao projeto. A difusão do programa foi feita através de encontros com trabalhadores e associados na Sede e no Parque de Campismo, utilizando sobretudo os contactos diretos, o "passa-palavra" e de forma superficial nas redes sociais. A afluência ao ato eleitoral surpreendeu sobretudo os candidatos da Lista A. Segundo estes, o facto de as eleições resultarem de um contencioso contribuiu para a elevada adesão ao acto eleitoral, levando à formação de três listas num curto espaço de tempo e à mobilização de sócios campistas de forma extraordinária. Os candidatos da Lista A consideram que a Lista C soube mobilizar as pessoas que pensam da mesma maneira. No entanto, afirmam que o resultado das eleições espelha a mobilização das pessoas na defesa dos seus interesses.

A Lista B, que em boa medida representava a banda filarmónica e a área desportiva, procurou concretizar a vontade de mudar a S.F.U.A.P., cuja necessidade vinha sendo observada em particular pelo candidato a Presidente da Direção desde há sete anos, tendo sido aproveitada a oportunidade que a convocação de eleições proporcionou para procurar materializar esse desejo de

mudança. Segundo os candidatos, seria urgente modernizar o modelo de gestão, tornando-o mais abrangente e acabar com o divórcio entre a S.F.U.A.P. e a comunidade, organizando programas culturais. O processo de congregar pessoas em torno de um programa eleitoral foi simples e rápido de executar dada a necessidade de mudança que todos achavam ser imperativa. Os candidatos da Lista B referem também que tanto a sua lista como a Lista C defendiam um tipo de gestão muito diferente daquele que a lista A preconizava. Quanto à difusão do programa, foi feita pelo "passa- palavra" junto a antigos atletas e sócios, foram criadas páginas de facebook e instagram, distribuíram-se flyers e afixaram-se cartazes. Foram ouvidas as reclamações dos campistas e organizadas ações de divulgação do programa na piscina. A Lista B critica com veemência as Listas A e C pelo facto de terem utilizado os recursos da S.F.U.A.P. ao nível do acesso a dados para divulgarem as suas candidaturas. A Lista B considerou-se o "sal" das eleições, a que pretendia marcar a diferença.

No que concerne ao ato eleitoral, os candidatos da Lista B consideram as eleições muito positivas porque vieram dar cobro à inércia existente, embora de resultado previsível. Consideram também que a Lista C, oriunda do Parque de campismo, trouxe grande parte dos sócios para votar, sendo a dinâmica da actividade campista agregadora de mais gente. Referem que o Parque de Campismo se mobilizou em torno da Lista C. Para os candidatos da Lista B, as pessoas que integraram a Lista A e a C deveriam estar todas na mesma lista, porque ambas traduzem modelos de continuidade. Realçam também o facto de alguns dos eleitos nunca terem ido à sede, tendo sido eleitos dirigentes sem conhecerem a S.F.U.A.P. Referem ainda que a participação eleitoral ainda poderia ter sido maior porque se verificaram muitas desistências devido à enorme fila de eleitores em espera, dada a morosidade do ato.

A Lista B levou a efeito um conjunto de reclamações junto da Comissão Eleitoral por considerar que foram tomadas decisões que infringiam os estatutos.

A Lista C, apoiada em grande medida pela atividade campista (dos 22 elementos da Lista C, 17 são do Parque de Campismo) e também constituída em tempo recorde (menos de 72 horas), refere que definiu um Plano de Ação delineado em coletivo num movimento conciliador e construtivo, procurando reunir as diferentes sensibilidades: cultura, desporto e campismo. Após a Assembleia-Geral de destituição da Direção, os candidatos da Lista C consideram que ficaram muito mobilizados para a formação de uma lista que constituísse uma

alternativa sólida e unificadora, havendo uma vontade expressa e quase generalizada de dispensar de vez a anterior Direção. Consideram também que o seu candidato a Presidente da Direção, por já ter sido dirigente da S.F.U.A.P., transmite confiança, sendo-lhe reconhecido mérito por grande parte dos associados. A difusão do programa eleitoral da Lista C foi levado a cabo junto das pessoas, em encontros com trabalhadores e associados, através da distribuição de folhetos, de sessões de esclarecimento, nas redes sociais e em cartazes e jornais. Ouanto à própria votação, os candidatos da Lista C consideram que a expressiva adesão foi uma resposta dos associados à anterior Direção e que o facto de ter havido três listas a concorrer promoveu a adesão ao ato eleitoral, sobretudo no contexto de insatisfação emergente. A própria ação dos trabalhadores, referem, foi determinante também para a elevada participação tendo em conta que estes foram mobilizadores no apelo ao voto. A Lista C apresentou um protesto junto da Comissão Eleitoral pelo facto da alteração das condições de voto (horário) ter sido efectuada sem consulta prévia dos delegados das Listas B e C. Mostrou também insatisfação pelo facto da Comissão Eleitoral integrar candidatos da Lista A.

#### 6 - Identidade e pertença

É do encadeamento de três componentes, enquanto conjunto integrado, que resulta o comportamento e a ação individual. Como refere Guy Rocher (1977, p.10), "o social, sistema normativo de interações e de papéis sociais só pode existir porque a cultura lhe fornece os valores partilhados que modelam a conduta e lhe confere uma significação comunicável (...). A personalidade confere aos dois sistemas o elemento da vida, ou seja o conjunto de motivações que leva cada actor social a agir ou a reagir". Ora, os colectivos condicionam o peso de cada um destes sistemas (social, cultura e personalidade) no desencadeamento da ação individual. Esse "desequilíbrio" potenciado pela própria socialização na relação grupo / indivíduo pode fazer variar as relações de pertença, gerar "inquietações" e levar ao surgimento de necessidades de participação espontânea em novos modelos de associação. O Parque de Campismo parece ter surgido a partir deste tipo de espontaneidade. Teve a sua génese no empenho e na dedicação de alguns voluntariosos associados que nos anos 50 do século XX, com o apoio das secções de campismo da Cooperativa de Consumo Piedense e do Clube Desportivo da Cova

da Piedade, deram origem à secção de campismo da S.F.U.A.P., secção essa que viria a ser dissolvida na Assembleia-Geral de Janeiro de 1974, aquando do arrendamento de 4 hectares de terreno dunar à S.F.U.A.P. por parte da Direção dos Serviços Florestais e Aquícolas, passando a partir dessa data o Parque de Campismo a funcionar como entidade autónoma (Jornal de Almada: 1974). A informação recolhida, refere o surgimento de "novas regras" e de que, a partir desse período, muitos dos homens e mulheres que tornaram o sonho possível nunca viriam a usufruir do espaço como lugar de lazer. Esta concisa ressalva histórica tem o propósito de assinalar o que parece corresponder ao surgimento de uma nova identidade para lá da identidade da "Sociedade" e de uma pequena dissidência ao nível dos interesses. De facto, a generalidade da pesquisa, entrevistas inclusas, aponta para a existência de dois pólos autónomos, com características, objetivos, interesses, necessidades, localização, e colectivos completamente diferenciados. É uma inevitabilidade inerente à distinção conjuntural de cada um dos grupos, tendo sido insuficiente a interação ao nível recreativo entre a "Sociedade" e o "Parque" para mitigar esta demarcação simbólica, sendo inclusive insuficiente a sua consagração expressa no artigo segundo, alínea 3 dos Estatutos da S.F.U.A.P.: "A vida da S.F.U.A.P. rege-se por uma ampla democracia interna, sendo um direito e um dever de todos os associados e pelo exercício da liberdade de discussão e opinião, não sendo permitida, contudo a criação de organismos autónomos dentro da Colectividade".

De acordo com KLAUS EDER (2003), "(...) quando ocorre uma colisão entre reivindicações de identidade pode imaginar-se dois caminhos: o reconhecimento recíproco ou a mútua aniquilação. Uma identidade é algo inegociável, é um bem coletivo. O mesmo autor refere ainda que as identidades definem as fronteiras de um espaço onde se incluem os interesses, sendo da configuração particular de interesses e identidades que resulta a dinâmica das relações sociais, num dado espaço social e num determinado tempo". Ou seja, não são as identidades que se poderão tornar incompatíveis, mas antes os interesses implicados nas dinâmicas sociais que podem induzir uma reivindicação de identidade, ou de relação de pertença.

Aquando de uma visita ao parque de Campismo, à chegada perguntámos pelo Sr. Presidente, tendo o recepcionista respondido: "- O Sr. Presidente do Parque?" Para lá da autonomia financeira, é notória a autonomia organizacional e identitária naturalmente enraizada ao longo do tempo. Ora, o parque não tem

presidente, só a S.F.U.A.P.. Quanto à própria designação do parque: *Parque de Campismo Piedense* cujo painel identificativo se encontra implantado à entrada, apresenta de forma secundária e diminuta a menção à S.F.U.A.P. Numa breve pesquisa temática, sobre campismo em sites como: *jetcamp, visitportugal, campismo.com, allaboutportugal*, de entre outros não surge qualquer alusão à S.F.U.A.P., apenas ao Parque de Campismo Piedense. Só quatro dos parques de campismo nacionais federados, Piedense incluído, não pertencem a clubes de campismo e/ou campismo e caravanismo.

As poucas referências simbólicas e memórias da S.F.U.A.P. foram-se diluindo no tempo e a relação que na génese da secção de campismo foi identitariamente endógena deu lugar a uma outra identidade, a campista, externa, formada por "companheiros" que atualmente, na sua maioria (cerca de 70% dos concessionários dos 3000 alvéolos), residem na margem norte do Tejo, sendo os restantes 30% provenientes de vários concelhos da margem sul, não tendo a generalidade qualquer memória ou referência acerca da S.F.U.A.P.

A potenciar a perda da identidade da S.F.U.A.P. está ainda a diminuição da relação com a própria população da Cova da Piedade dada a pouca oferta de atividades sobretudo para a população idosa, que, em parte, apenas paga quotas pela ligação histórica com a "Sociedade", lamentando não poder usufruir de uma sala do associado. Mas também o próprio pagamento das quotas passou a ser dificultado já que, a dada altura, as mesmas deixaram de ser cobradas presencialmente por um cobrador, contribuindo assim para o aumento do número de sócios não pagantes e promovendo a desistência de associados. Foi-nos também salientado que a organização administrativa carece de modernização a vários níveis e até ações de gestão de solução simples, como suprir a falta de identificação personalizada das viaturas, deixam transparecer para o exterior a passividade atribuída à anterior Direção.

Outros fatores constatados e que consideramos terem contribuído para o decréscimo do vínculo entre a população da Cova da Piedade / Almada e a S.F.U.A.P.foram de ordem conjuntural: a diminuição das relações de vizinhança e o bairrismo, sobretudo ao nível das gerações mais novas, em grande medida pela deslocalização do local de trabalho relativamente ao local de residência; o desenvolvimento dos transportes que leva a uma maior dispersão da população; a ilimitada atractividade do mundo digital que compete nas rotinas diárias com as actividades e modalidades das associações; a criação de piscinas municipais; a

diminuição das iniciativas nos planos cultural, recreativo e desportivo e, em geral, a democratização da sociedade que veio transformar (na forma e no conteúdo) os propósitos e as narrativas da associação de pessoas em torno de causas.

#### 7 - Considerações finais

Da análise da informação recolhida, tendo como base os testemunhos das treze entrevistas, a pesquisa documental e a observação realizada, foram detectados dois conjuntos de fatores que se considera terem conduzido à elevada participação no processo eleitoral para a eleição dos Órgãos Sociais da Sociedade Filarmónica União Artística Piedense em 18 de Dezembro de 2020.

Fatores de causa indirecta e fatores de causa direta:

#### • Fatores de causa indirecta:

Estes fatores foram potenciadores de um mal-estar interno e estão associados a temas estratégicos de fundo como: a perda da hegemonia ao nível da oferta desportiva (por exemplo: surgiram outras piscinas em Almada); a diminuição da oferta cultural e recreativa à população; a necessidade de modernização administrativa e das infra-estruturas desportivas e culturais; a incerteza guanto à construção da nova Sede; o espectro da deslocalização do Parque de Campismo e o desequilíbrio financeiro entre as receitas dos departamentos. Parte destes temas têm vindo, no seu todo a consolidar os dois pólos simbólicos de interesses distintos: a "Sociedade" e o "Parque". Os antagonismos e a tensão existentes entre os representantes de ambos os núcleos foram expressos em praticamente todos os momentos da investigação. A "Sociedade" reivindica ao "Parque" a relação de pertença e a identidade da S.F.U.A.P.. Por sua vez, o "Parque" reivindica à "Sociedade" um conjunto de ações de gestão que satisfaçam os interesses correspondentes à qualidade do serviço prestado aos campistas, sendo esta reivindicação do "Parque" em grande medida expressa através de um discurso "legitimado" pela sua supremacia ao nível das receitas.

Estes fatores não produzem uma interferência muito notada no quotidiano da S.F.U.A.P. pelo facto de aludirem a questões estratégicas de médio e longo prazo. No entanto, por projectarem uma certa inoperância, incerteza e riscos, vão intensificando desgastes relacionais internos e consolidando pontos de vista diferenciados.

#### • Fatores de causa directa:

O ambiente de mal-estar no seio da Direção adquiriu maior visibilidade sobretudo a partir das greves dos trabalhadores do Parque de Campismo que reivindicavam aumentos salariais, tendo tido alguns directores do Departamento de campismo um papel interventivo no esclarecimento dos trabalhadores.

Após a ruptura das negociações com a Direção, o "movimento" gerado adquire proporções maiores no seio do Parque de campismo e dá-se uma mobilização de campistas que rejeitam o modelo de gestão da Direção.

A Direção, internamente fragmentada, torna-se demissionária e o "movimento" campista prossegue. Faz reflectir o seu desacordo de seguida na massiva participação na assembleia-geral de destituição dos Órgãos Sociais e depois na própria mobilização e participação no ato eleitoral em todas as suas vertentes, sendo representado pela Lista C.a lista vencedora com um elevado número de votos.

Esta é a observação atípica em questão, que pode traduzir em parte a singularidade correspondente ao facto do Parque de Campismo Piedense ser dos poucos a pertencer a uma colectividade e não a um clube de campismo como a esmagadora maioria. No "Parque" é constatada uma dinâmica identitária autónoma e a defesa colectiva e massiva de interesses próprios que obteve expressão a partir da oportunidade que o processo eleitoral lhe conferiu.

Apesar de as outras listas, A e B, constituírem outros dois movimentos de candidatura, pela inferior expressão eleitoral e por fazerem parte da "Sociedade", assumiram menor destaque nos propósitos do presente estudo.

Assim, pode-se concluir que o movimento de rejeição à anterior Direção, organizado a partir do Parque de Campismo, esteve na origem da elevada participação no processo eleitoral em causa.

#### BIBLIOGRAFIA

- AAVV, Associativismo e Cidadania Exposição sobre o Movimento Associativo em Almada, Museu da Cidade – Câmara Municipal de Almada. 2007.
- ABREU, Carlos, BRANCO, Francisco, O Associativismo Tradição e Arte do Povo de Almada, Câmara Municipal de Almada, 1984.
- BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas: A Construção Social da Realidade, Tratado de Sociologia do Quotidiano. Petrópolis: Editora Vozes. 1993.
- CAA, Associativismo na Caparica, Junta de Freguesia de Caparica, 2011.
- DUBAR, Claude. La formation Professionnelle continue, Paris: Ed. La Découverte. , 1990.
- FERNANDES, Ernesto, SARMENTO, Joaquim, Associativismo Almadense Património ou Novo
- LUZIA, Ângela, et al, *Associativismo e Cidadania*, Museu da Cidade CMA, 2007.
- Movimento Social?», in *Anais de Almada*, 2, CMA, 1999

- GIDDENS, Anthony, *Sociologia*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2009
- GOODOLPHIM, Costa, A ASSOCIAÇÃO Historia e Desenvolvimento das Associações Portuguezas, Lisboa, Typographia Universal, 1876
- MALHEIRO, José, Associativismo Popular Originalidade do Povo Português, Câmara Municipal de Almada, Almada, 1996.
- MARTINS, Artur, "Breve Esboço Histórico do Associativismo em Portugal"
- http://ossentidosdopatrimonio.blogspot. com/2012/06/o-associativismona-cova-da-piedade.html
- PIRES, Luís -Desporto em Portugal no final do século XIX - Os primeiros anos, os primeiros clubes, as primeiras vitórias,
- RAMOS, António Alberto C. P., As colectividades de Almada 1890 / 1910, Junta de Freguesia de Almada, Almada, 1991.
- ROCHER, Guy, *Sociologia Geral*, Lisboa, Editorial Presença, 1977
- SANTOS, Raul Esteves dos, "A Folga do Trabalhador", Edição do Editor, Lisboa, 1951, pp. 4-5 SANTOS, Raul Esteves dos, op. cit., p. 6

SILVA, Francisco, *Associativismo na Caparica*, Junta de Freguesia de
Caparica, 2011.

SILVA, Francisco, Clube Recreativo União e Capricho, 100 anos no Coração da Caparica (1911-2011), Junta de Freguesia de Caparica, 2011.

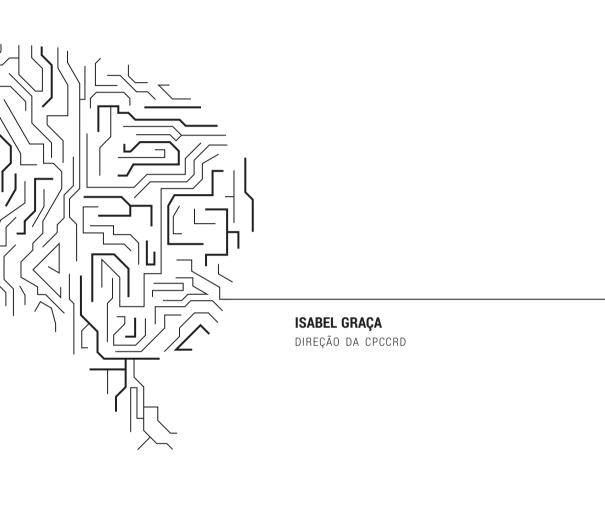
SOUSA SANTOS, António, Estudo sobre o desenvolvimento cultural nas áreas do artesanato, património e associativismo do EVD (Entre Vouga e Douro), Geoideia e Espaço e Desenvolvimento, para Associação dos Municípios das Terras de Santa Maria, 1997

Enciclopédia, op.cit., 13.º Volume, 1972, p. 1625

http://www.bandasfilarmonicas.com/b andas.php?id=

http://ultimosanos.blogspot.com/2007 /06/desporto-em-portugal-nofinal-do-sculo.html

Nota: o texto produzido utilizou o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.



## DO COMUNITARISMO AO MOVIMENTO ASSOCIATIVO

História, presente e futuro

# Sumário:

- ¬ Introdução
- As transformações da Revolução do 25 de Abril de 1974
- Baldio da Ota Caso de Estudo
- ¬ Distribuição dos rendimentos do Baldio da Ota
- Dificuldades dos últimos anos
- ¬ Conclusões

#### ¬ Introdução

s Baldios, com a sua gestão comunitária, serão talvez uma das primeiras formas de organização social das comunidades para explorar os bens comuns. É referenciada a sua utilização nos agrupamentos humanos da Lusitânia pré-romana por António Bica, no livro "Os Baldios quadro histórico e legal".

Em meados do sec. XIX, eles eram terrenos depauperados, sem coberto vegetal, solos esqueléticos. Nestas circunstâncias, os governos de então apostam na arborização dos "incultos". Este interesse leva D. Carlos a criar os Serviços Florestais em 1888, com as Administrações Florestais das Serras da Estrela e do Gerês, com o fim de arborizar 90 mil hectares.

É com a ditadura de Salazar que o roubo dos baldios de uma forma prepotente, despótica e autoritária, se vai fazer com a lei 1971 de 15 de junho de 1938, que autorizou os Serviços Florestais a ocuparem e a possuírem os baldios, coercivamente.

É a partir desta data que começa a grande luta e resistência dos povos serranos pelo uso e fruição dos seus baldios, que só termina com a Revolução do 25 de Abril de 1974.

Podemos dizer que Aquilino Ribeiro no seu livro "Quando os Lobos Uivam" resume numa só frase todo o pensamento e luta dos povos serranos: "A serra é dos serranos desde que o mundo é mundo, herdada de pais para filhos, quem vier para no-la tirar, connosco se há-se haver".

Às populações, impedidas de usar os baldios, onde maioritariamente apascentavam os seus rebanhos e com uma agricultura de subsistência, restoulhes a opção da venda dos animais e a emigração como futuro, primeiramente para as grandes cidades do litoral, Lisboa e Porto, e por fim com o desenvolvimento industrial, pós guerra, para a Europa, o que veio a acontecer massivamente na década de 60.

É neste período que, como escreveu Fernando Baptista, no seu livro "Espaço Rural e Declínio da Agricultura" se assistirá à alteração da relação das populações com os baldios, tanto por ter diminuído o número dos que os utilizam, como pela evolução tecnológica da agricultura, reduzindo a importância do terreno comunitário no sistema agrário. Isto é: "A economia dos baldios transformou-se".

#### - As transformações da Revolução do 25 de Abril de 1974

Logo após a revolução do 25 de Abril, os povos serranos movimentam-se rapidamente para tomar em suas mãos a gestão dos baldios. Mesmo antes da 1ª lei dos baldios ser aprovada, já os rebanhos eram enviados para as serras.

No artigo 3º do Decreto-Lei 39/76 (1ª lei dos baldios) está escrito: "são devolvidos ao uso, fruição e administração dos respetivos compartes, nos termos do presente diploma, por cujas disposições passam a reger-se, os baldios submetidos ao regime florestal".

Na Constituição da República Portuguesa em 1976 tal posição veio a ter dignidade constitucional, ficando fortemente reforçada, uma vez que os baldios ficaram integrados no setor público da propriedade dos meios de produção. Na revisão Constitucional de 1989, os baldios passam para o setor cooperativo e social, (art°82/4,b).

Tendo o Decreto-Lei 39/76, de 19 de Janeiro, várias revisões com vários ataques à definição da propriedade, ficou o legislador ordinário, após esta revisão constitucional, com duas balizas inultrapassáveis: na primeira, o baldio não é propriedade pública nem privada, mas comunitária, insuscetível de apropriação pelo Estado ou por qualquer entidade privada, ou pública, a não ser nas circunstâncias específicas previstas no artigo 31.º da lei dos baldios; a segunda é que a posse e gestão dos baldios pertence aos compartes.

#### - Baldio da Ota - Caso de Estudo

O Baldio da Ota tem, desde 1976, um Conselho Diretivo em cogestão com o Estado (Ministério da Agricultura), agora com ICNF.

O baldio tem um plano de gestão florestal, parte integrante do Plano Florestal do Concelho de Alenquer. Sempre que há cortes na floresta, os respetivos rendimentos são entregues aos compartes na proporção devida.

O último incêndio florestal foi há mais de trinta anos e ardeu a maioria da serra. Hoje o coberto florestal é abundante, fruto da regeneração natural. Na sua área está incluída uma zona de caça associativa que não paga nenhuma renda ao baldio, existe um posto de vigia que pertence à Rede Nacional de Vigilância de Fogos Rurais, outra das infraestruturas existente é uma casa de guarda, que foi

comprada pela Junta de Freguesia. Na área social da casa há um parque de merendas, onde todos os anos fazem a Festa a S. Pedro

Não tem equipe de Sapadores Florestais, mas tem um kit de 1ª intervenção que é utilizado por um membro do Conselho Diretivo, ou por um membro da junta.

O maior rendimento deste baldio advém das rendas das antenas de comunicação (15000 mil euros por ano).

#### - Distribuição dos rendimentos do Baldio da Ota

Desde a sua organização que os compartes da Ota têm posto os rendimentos do baldio ao serviço da comunidade.

Foram os seus rendimentos que permitiram a construção do Centro Cultural e Desportivo da Ota, instituição que nas suas atividades de ginástica, dança, teatro e outras movimenta mais de 100 mil euros por ano. Nesta distribuição de verbas, são contempladas outras instituições, como o Centro Social da Igreja e o clube de futebol da Ota.

Na distribuição há critérios: primeiro, uma quantia fixa que é dividida igualmente por todos; depois, quando é solicitado, e apresentado um projeto, a Assembleia de Compartes reúne e delibera a sua comparticipação. Exemplos: substituição do telhado da coletividade, substituição do piso do campo de futebol.

#### - Dificuldades dos últimos anos

Na última assembleia não foi eleito o Conselho Diretivo por falta de comparência dos compartes, havendo uma delegação de poderes para a Junta de Freguesia. No entanto, ultimamente alguns compartes têm-se movimentado porque desejam um novo Conselho Diretivo.

Há 5 anos (2014) foi proposta uma candidatura individual ao Orçamento Participativo de Alenquer, para estudar o Canhão Cársico, área integrada no baldio, com a finalidade de se vir a constituir um geo-monumento.

Desenvolvidos todos os estudos e realizado o plano de ordenamento para a sua classificação, esta ainda não se deu, por falta de diálogo entre as partes.

Ficando a área sujeita a invasões mais ou menos selvagens e à exploração turística, sem controle.

Os órgãos do baldio devem trabalhar numa perspetiva de multifuncionalidade, estabelecendo parcerias com várias entidades para o máximo aproveitamento dos seus recursos endógenos.

#### - Conclusões

A economia dos baldios transformou-se, como já foi referido.

No passado, o baldio era um complemento do sistema agrário, de base silvo-pastoril. Este tem vindo a evoluir para uma gestão comunitária, baseada em outros recursos endógenos. Assim encontramos baldios com elevados rendimentos que lhes advêm da instalação de parques eólicos e antenas de comunicação, a par da floresta.

Estes rendimentos têm dado resposta a muitas das carências sociais e culturais das suas comunidades, cruzando-se com as outras famílias da economia social, proporcionando melhores condições de vida às populações e o consequente desenvolvimento local. O movimento associativo, também tem beneficiado destes rendimentos, com a criação de associações, clubes e centros recreativos, onde os compartes se encontram, convivem, divulgando e usufruindo da sua cultura.

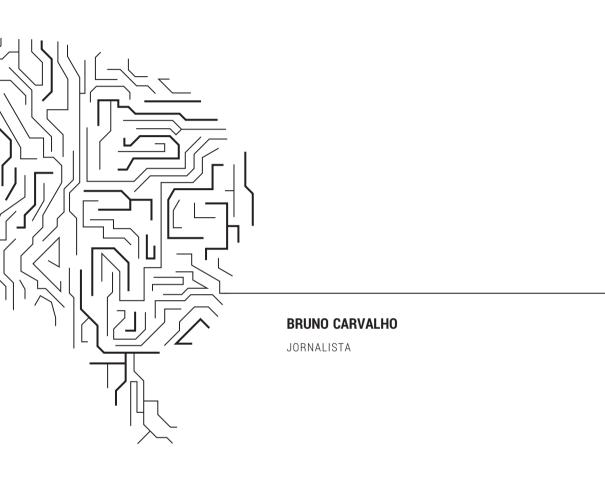
É necessário implementar uma vivência mais ativa e comunitária nos baldios, à luz das dinâmicas de hoje, revitalizando tradições recreativas e culturais, proporcionando uma maior abertura de competências e diálogo para uma maior intervenção nos assuntos que interessam à comunidade.

# BibLIOTECA COSNOs

**BRUNO CARVALHO** 

**JORNALISTA** 

COMUNICAR MELHOR, CHEGAR MAIS LONGE



## **COMUNICAR MELHOR, CHEGAR MAIS LONGE**

## Sumário:

- ¬ Da imprensa à internet
- ¬ Importância estratégica da comunicação
- O que fazer?

#### - Da imprensa à internet

o fim da Primeira Guerra Mundial, a massificação da radiodifusão representou uma mudança profunda nos hábitos de consumo de informação por parte da população. A transmissão de ondas de radiofrequência moduladas foi um salto profundo para quem a imprensa escrita



era o principal meio de acesso a notícias, opinião e até a novelas escritas. Depois de um período dourado, entre os anos 30 e 50, a televisão veio tomar o lugar da rádio como principal meio de comunicação de massas. Até há cerca de duas décadas, estes meios eram sobretudo unidirecionais. Ou seja, a nossa relação com o jornal, com a estação de rádio ou com a televisão era a de espectadores que praticamente só recebiam informação.

O advento da internet e a digitalização das formas de comunicação vieram permitir um nível de participação de que é impossível não nos darmos conta. Para além da rapidez da informação e de um maior acesso de todos nós a ferramentas de comunicação em que podemos ser protagonistas, e não apenas espectadores, veio democratizar, até certo ponto, a

nossa capacidade de chegar mais longe e a mais gente.

Através dos computadores primeiro e agora dos telemóveis, podemos criar sites e participar nas redes sociais difundindo informação numa interação que vai muito para lá daquilo a que estávamos habituados. Isto cria novas possibilidades

mas também algumas dificuldades. E também novos hábitos. Se dantes, a maioria da informação era lida em sites, agora as redes sociais são a porta de entrada da maioria das visitas nas páginas de meios de comunicação, organizações e empresas.

Um estudo feito pela consultora Nielsen e da Dynata, intitulado Digital Consumer Survey Portugal 2021, mostra dados que ilustram esta realidade. Em

média, os portugueses estão ligados à internet durante 72 horas por semana. Grande parte (93%) diz mesmo que vê televisão enquanto utiliza a internet em simultâneo num segundo ecrã, habitualmente o telemóvel. Deste tempo. 15 horas semanais são para ver plataformas de streaming, 14 horas semanais para ver televisão, 13 horas semanais para as redes sociais e o resto do tempo é para a pesquisa de conteúdos, envio de mensagens, chamadas de vídeo e compras online. Facebook é "a rede com maior notoriedade" e contas em Portugal, mas o Instagram, Whatsapp e TikTok estão "a crescer em notoriedade e utilização", concluiu um estudo da Marktest.



## ¬ Importância estratégica da comunicação

Não há nenhuma entidade hoje em dia que não deva olhar para a comunicação como uma questão prioritária. Desde as estruturas administrativas do Estado que precisam de divulgar diferentes tipos de informações, aos partidos que precisam de comunicar os seus programas, ideias e propostas, assim como candi-

datos, para ganharem apoio junto dos eleitores. Também serve para as empresas que têm como objetivo comunicar o seu produto, conseguir vendê-lo e fidelizar clientes.

O mesmo deve acontecer com o movimento associativo popular. A visibilidade de cada coletividade, a divulgação das suas atividades e a valorização da sua história e identidade dependem da forma como se comunica com os sócios e com a



população. Não é algo novo. A comunicação sempre fez parte do associativismo e muitos jornais foram criados precisamente por coletividades. Do que se trata hoje é a adaptação às novas ferramentas para melhorar a nossa ligação interna e externa a todos os que nos rodeiam. E esta necessidade prende-se também com outra grande dificuldade: a fraca penetração do movimento associativo popular nos órgãos de comunicação social.

Tal acontece por várias razões. Em parte porque a esmagadora maioria das associações, ao contrário das grandes empresas, não tem meios para recorrer a algum tipo de assessoria ou a alguma das muitas agências de comunicação que fazem lobby junto dos principais órgãos de comunicação social, com os quais têm contactos privilegiados. O

facto é que silenciar o movimento associativo popular é apagar a atividade de uma parte substancial do país, de mulheres e homens que têm um papel determinante na vida das suas comunidades. Daí a importância de se perceber que dar voz às associações é um imperativo democrático. Contudo, a imprensa local e regional

mostra-se muitas vezes disponível para abrir as portas às coletividades. Esse trabalho deve ser alimentado e estimulado.

#### - O que fazer?

Que não haja ilusões. Uma das grandes dificuldades do movimento associativo é a falta de formação na área de comunicação ou a falta de meios que possam superar as dificuldades nesta área Admite-se até que muitas vezes boa parte dos dirigentes associativos tenha tantos problemas a que acorrer que acaba por não dar prioridade a esta questão, mas há pequenos sinais que podem ser dados. Desde logo, a criação de um grupo de trabalho para a comunicação e pensá-la dentro dos objetivos de cada coletividade. Comunicação interna para os sócios, comunicação externa para todos aqueles que sejam objeto do seu interesse. O email, os sites e as páginas nas redes sociais são importantes veículos para chegar aos outros. O registo das atividades de cada coletividade através do texto, da fotografia e do vídeo podem ser importantes veí-



culos de informação. A atualização de contactos de toda a imprensa regional e local é também uma porta aberta para aquilo que se pretende comunicar. Os desafios são muitos, mas a resistência característica do movimento associativo popular mostra que está em condições de superar os desafios que o presente nos traz.

# CONDIÇÕES**PARASUBMISSÃO**

#### 1 ¬ "Tema em destaque" e "Estudos"

Podem ser apresentados estudos para publicação em qualquer das seguintes secções: "Tema em destaque" e "Estudos".

Próximo tema em destaque (*Análise Associativa* n.º 10): ASSOCIATIVISMO POPUJ AR E DEMOCRACIA CULTURAL

#### 2 - Normas para os autores

- 1 · Os artigos deverão ser escritos em língua portuguesa.
- 2 · A contribuição deve ser original e inédita.
- 3 · O artigo deverá principiar por um sumário contendo as divisões e subdivisões.
- 4 · O texto deverá ser apresentado em formato *word*, fonte *Times New Roman*, letra 12, espaçamento 1,5.
- 5 · As notas de rodapé serão igualmente em fonte *Times New Roman*, letra 10, espaçamento simples.
- 6 · As figuras e tabelas deverão ser inseridas no texto e não no final do documento.como anexos.
- 7 · Os autores dos artigos conferem à Análise Associativa o exclusivo do direito de publicação sob qualquer forma e receberão cinco exemplares da Revista.

#### 3 - Contacto para submissão

geral@cpccrd.pt

Este número da Análise Associativa propõe-nos um itinerário de leitura e de reflexão com quatro momentos/partes principais – remetendo para vários temas e debates.

O primeiro momento diz respeito à participação dos jovens no associativismo popular — e é esse o tema em destaque deste n.º 9 da revista. Coloca-se em diálogo/relação um trabalho de investigação desenvolvido pelo Observatório do Associativismo Popular (OBAP) e cinco artigos de opinião — de quatro jovens e do responsável pela área da juventude na Confederação Portuguesa das Coletividades de Cultura, Recreio e Desporto (CPCCRD).

Sérgio Pratas

#### Edição patrocinada por



Cofinanciado por:





